



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**DANUZIA XAVIER DE JESUS
NAIANE OLIVEIRA DAMERCÊ**

**FEIRA E LUGAR: UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A
FEIRA-LIVRE DE JACOBINA-BA**

Jacobina – BA
2016

**DANUZIA XAVIER DE JESUS
NAIANE OLIVEIRA DAMERCÊ**

**FEIRA E LUGAR: UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A
FEIRA-LIVRE DE JACOBINA-BA**

Monografia apresentada ao Colegiado de Geografia do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Ms. Jamille da Silva Lima

Jacobina – BA
2016



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

**FEIRA E LUGAR: UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A FEIRA-LIVRE
DE JACOBINA-BA**

**DANUZIA XAVIER DE JESUS
NAIANE OLIVEIRA DAMERCÊ**

ORIENTADORA: Profa. Ms. JAMILLE DA SILVA LIMA

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO
submetida em satisfação parcial dos requisitos ao grau de

LICENCIADA EM GEOGRAFIA
ao
Departamento de Ciências Humanas
da
Universidade do Estado da Bahia

Aprovado:

Comissão Examinadora

..... Ms. Jamille da Silva Lima
..... Ms. Fábio Nunes de Jesus
..... Ms. Miriam G. Miranda Guerra

Data da Aprovação:/...../..... Grau conferido em:/...../.....

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado e confortado durante os momentos de dificuldade e ter me mantido firme na jornada.

A minha família pela compreensão e o amor.

A minha companheira de luta Naiane Oliveira pela cumplicidade, paciência e pelas horas inacabáveis que passamos juntas.

A Dona Juveni, mãe de Naiane, que me recebeu em sua casa com todo carinho e atenção.

A minha orientadora Jamille Lima, por acreditar e embarcar conosco nessa jornada, pelos sábios conselhos, gentileza e paciência, pois sem ela não conseguiríamos realizar e concluir o trabalho.

Aos amigos e colegas (sem citar nomes para não esquecer ninguém) que sempre me animou com palavras de conforto e incentivo. E claro aos feirantes e fregueses que deram um pouco do seu tempo para contribuir com a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Ele toda honra e toda glória, pois com sua mão poderosa me sustentou até o término deste trabalho.

A minha mãe, por seu amor, cuidado e dedicação.

A minha colega e parceira neste trabalho Danúzia, pela paciência e compreensão.

A minha orientadora professora Jamille Lima, por ter aceito o convite e se empenhado na realização deste trabalho.

Aos meus amigos (sem citar nomes para não esquecer ninguém) que contribuíram com suas palavras de incentivo.

Aos feirantes e fregueses da feira de Jacobina-BA.

RESUMO

Esse estudo objetiva investigar as relações sociais estabelecidas entre os diferentes sujeitos que costumam frequentar a feira-livre da cidade de Jacobina-BA, sob uma perspectiva geográfica humanista. Sabe-se que desde o seu surgimento, as feiras sempre tiveram uma importância muito grande, não só no que concerne a valorização do papel comercial nas cidades, mas também favorecendo entrepostos diante das trocas culturais e de aprendizado, nos quais os transeuntes de várias localidades se congregam e estabelecem laços de sociabilidade. As relações ali existentes revelam que a feira é o lugar do vivido, das trocas de amizades, das experiências compartilhadas. Isto manifestou-se nas experiências que tivemos naquele espaço, especificamente através das conversas com feirantes e fregueses. Os resultados obtidos revelaram os saberes e fazeres de feirantes e fregueses através das interações entre ambos, como também a relevância da feira enquanto lugar.

Palavras-chave: Feira-livre; Lugar; Olhar humanista.

ABSTRACT

This study aims to investigate the social relationships established between the different subjects who usually attend on open-air market in the city of Jacobina-BA, from a humanist geographical perspective. It is known that since its inception, the fairs always had a great importance, not only as regards the valuation of commercial role in the cities, but also favoring warehouses on cultural exchanges and learning, in which the passers from various locations congregate and establish ties of sociability. The relationships existing there reveal that the fair is the place of living, of friendship's exchanges and shared experiences. This was manifested in the experiences we had in that space, specifically through conversations with stallholders and customers. The results revealed the knowledge and practices of merchants and customers through the interactions between them, as well as the importance of the fair as a place.

Keywords: open-air market; place; humanist look.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Vista da Cidade de Jacobina – BA 1962	19
Figura 2	Vista da Cidade de Jacobina- BA 2013.....	19
Figura 3	Feira-livre de Jacobina- BA 1962	23
Figura 4	Feira-livre de Jacobina- BA 1962	23
Figura 5	Imagem de Satélite da Feira-Livre de Jacobina-BA.....	26
Figura 6	Feira- livre de Jacobina, 2015.....	39
Figura 7	Feira- livre de Jacobina, 2015.....	39
Figura 8	Feira-livre de Jacobina, 2015	43
Figura 9	Feira-livre de Jacobina, 2015.....	43
Figura 10	Feira-livre de Jacobina, 2016.....	44
Figura 11	Feira-livre de Jacobina, 2016	44
Figura 12	Abaixo-assinado dos feirantes na ocasião da transferência da feira-livre	63
Figura 13	Relação dos nomes do abaixo-assinado.....	64
Figura 14	Artigo do Jornal Tribuna da Bahia	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A TRAJETÓRIA DA FEIRA-LIVRE	14
1.1. Breve histórico da origem da Feira-Livre	14
1.2. Um pouco sobre a Cidade de Jacobina- BA.....	18
1.3. A trajetória da Feira- livre em Jacobina- Bahia	20
2. OS OLHARES DA FEIRA- LIVRE	27
2.1. O Olhar Econômico.....	27
2.2. O olhar Humanista	33
3. FEIRA-LIVRE: LUGAR DO VIVIDO, LUGAR DAS RELAÇÕES	40
3.1. E aí “Cumade” e “Cumpade”!	41
3.2. Feira-livre em Jacobina enquanto lugar do Vivido	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	63

INTRODUÇÃO

A feira-livre é um fenômeno antigo e sua importância vai além da questão econômica, ela também é o palco social e cultural de um povo. A feira é o lugar das relações de proximidade, intimidade, a relação de amizade. Para Severino (2002, p. 145) “a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve”. Nessa perspectiva o nosso contato com a feira-livre é relativamente antigo, pois não fomos apenas aquelas que iam à feira esporadicamente para comprar os produtos ali vendidos. Vivenciamos ativamente a feira enquanto feirantes durante um período de aproximadamente dois anos. Durante esta vivência, percebemos que foram estabelecidas relações com aqueles que iam comprar em “nossa mão” e que ainda se mantém, pois é de práxis ao nos direcionar até a feira, aqueles que estabelecemos relações durante esse tempo, surgirem com sua cortesia, com a “conversa fiada”, e com a boa e velha mania de procurar saber as novidades. Essa foi a *priori* a razão para a realização do nosso trabalho.

Mas com o ingresso na universidade em 2011 e durante a realização de um trabalho sobre a feira livre, sentimos que podíamos ampliar a visão sobre a mesma e compreendê-la melhor. O processo de amadurecimento de nosso tema transcorreu principalmente, pelo fato de que a feira é o palco das interações sociais, da cultura popular vivenciada, da mistura de sons e cor protagonizados por feirantes e fregueses. Compreendemos que por entre corredores e barraca dá-se a troca de saberes que evidenciam a sabedoria e a riqueza dos sujeitos frequentadores da feira. Assim, nosso maior desafio foi concentrar o olhar para os valores não pautados no capital, mas um olhar na grandiosidade sociocultural que circula a feira-livre do nosso município.

A feira-livre de Jacobina-BA está presente no cotidiano de seus moradores, pois neste aspecto integra a vida socioeconômica da cidade, visto que é um instrumento de efetivo desempenho na dinâmica de produtos e produtores, fregueses e feirantes, retratando o interior de uma sociedade em seu aspecto mercantil e em todos os alcances de sua subjetividade.

A princípio a feira de Jacobina se localizava no centro da cidade, na então Rua Getúlio Vargas, onde ficou até o ano de 1982 quando foi transferida para Rua José Rocha, esquina com a Avenida Lomanto Júnior, onde permanece até hoje. Nela, encontra-se uma amplitude de mercadorias, tais como verduras e legumes, frutas, carnes de origem suína, caprina, bovina e aviária, roupas, sandálias, remédios caseiros, dentre outros. Mas a diversidade também se manifesta entre aqueles que a frequentam e dela fazem um lugar do vivido.

A feira-livre como lugar do vivido possibilita o encontro e partilha de experiências entre diferentes sujeitos que a frequentam, para os quais a feira pode significar um conjunto de valores materiais e simbólico-expressivos, haja vista que a compra, venda e troca de mercadorias também podem fomentar sentimentos de confiança, reciprocidade e amizade.

Em Jacobina, a feira-livre tem uma particularidade: ela não é realizada em um mercado fechado, uma espécie de galpão para a comercialização, tal como constata-se em muitas cidades do interior baiano. Ela acontece ao ar livre, em um espaço público previamente destinado para esse evento. Essa “abertura” potencializa a relação homem-Terra, sinalizada por Dardel (2011).

Nesse espaço há feira todos os dias da semana, exceto no domingo. Desde a terça-feira há a venda em atacado de verduras, frutas e leguminosos, sendo nos demais dias a comercialização do varejo, dentre os quais destaca-se a sexta-feira, devido à concentração de barracas de roupas, que constituem o chamado “Shopping F”, bem como o sábado, que dentre todos, apresenta maior fluxo de pessoas, sendo portanto, considerado o dia oficial da feira-livre de Jacobina.

A feira-livre pode constituir-se num lugar cheio de sons, movimentos e cheiros. Encontramos indivíduos heterogêneos que dividem o espaço e estabelecem relações que vão além da questão técnica-comercial de venda e compra, pois nessa relação tornam-se amigos. A feira-livre é também o lugar da informalidade, descontração, da familiaridade, ou seja, o lugar do vivido, pois através de uma experiência profunda e imediata do mundo ocupado, o lugar adquire um papel central através do qual se articulam as experiências e vivências no espaço. Este "transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

As relações estabelecidas entre os fregueses e feirantes na feira-livre podem ser caracterizadas como um convívio singular e diferenciado, visto que, as trocas se dão a partir de indivíduos que compartilham afinidades entre si e com o lugar, este, porém, está carregado de simbolismo, ideias, sentimentos e experiências que reproduzem e perpetuam as relações, estas formam as redes de sociabilidade e os vínculos que as constituem e estruturam as mesmas. Por isso, a feira livre também é caracterizada como uma trama de relações, contemplando assim, os vários elos – familiares, de amizade e culturais, convergindo no lugar.

A feira-livre, como um lugar possibilita uma dinâmica entre pessoas de distintas localidades, costumes e crenças, fomentando o estabelecimento de relações amigáveis que ultrapassam o interesse estritamente comercial. Mas quais experiências podem ser vividas na feira que a tornam um lugar? O que é a feira para aqueles que não a veem apenas sob o olhar econômico? Como as relações de proximidade se constituem através do ato de compra e venda? Como acontecem e se fortalecem as relações de amizade entre os indivíduos que ali circulam?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as relações sociais estabelecidas entre os diferentes sujeitos que costumam frequentar a feira-livre da cidade de Jacobina-BA, sob uma perspectiva geográfica humanista. Para tanto, desdobramos os seguintes objetivos (específicos): Compreender a feira livre da cidade de Jacobina-BA enquanto lugar do vivido, portador de uma lógica reticular de relações sociais e de condições hodiernas de sobrevivência simbólica; Investigar como acontecem e se fortalecem as relações de amizade e de solidariedade entre os indivíduos que frequentam a feira-livre; Identificar as experiências vividas na feira-livre por aqueles que a concebem como um lugar vivido.

Ao defrontarmos com o tema Feira-Livre, vemos a mesma sendo em sua grande maioria voltada para uma leitura estritamente econômica. Não é de se estranhar que ao procurarmos trabalhos, artigos envolvendo a mesma, vimos uma grande parcela desses trabalhos apresentando a feira enquanto localidade da diversidade de produtos, mostrando a importância para economia local, ou até mostrando que a mesma vem desaparecendo devido aos grandes mercados de vendas entre outros, isso tudo voltado a uma ótica econômica. É evidente sua importância enquanto local de venda de mercadorias, mas a mesma está, além disso.

A pesquisa foi realizada na feira-livre da cidade de Jacobina-BA, onde durante um ano frequentamos, buscando uma aproximação com os comerciantes, aqueles empiricamente chamados de feirantes e também os “fregueses”, aqueles que compram. Elegemos pesquisa qualitativa, isso porque:

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados (TEIXEIRA, 2006, p. 137)

Escolhemos abordagem em campo, pois o campo é a expressão das diferentes leituras de mundo, é o momento de vivência, então, podemos dizer que vivenciamos nossa pesquisa de campo, porque “vivência é o processo de viver; é coisa que se experimentou vivendo, vivenciando; é o conhecimento adquirido no processo de viver ou vivenciar uma situação ou de realizar alguma coisa; é experiência, prática; é aquilo que se viveu” (HOUAISS, Dicionário Online).

A abordagem do tema feira-livre sob a ótica das relações sociais, ou um olhar mais voltado às questões humanas raramente é posta em estudo. Visando ampliar e direcionar debates e questões acerca do tema, o presente trabalho vem contribuir para fomentar e ampliar a leitura geográfica humanista da feira-livre.

Buscamos estabelecer uma conversa com os sujeitos investigados, sendo estes selecionados de forma aleatória e as conversas foram gravadas e transcritas. Os dias que aconteceram as conversas foram nas sextas e sábados, com um total de 18 diálogos. Os nomes dos sujeitos conversantes foram preservados, “identificados” por meio de letras alfabéticas (A, B, C, D assim por diante).

O trabalho foi estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Nesta introdução, apresentamos as questões norteadoras da pesquisa, a delimitação espacial do nosso estudo, a justificativa, os objetivos e os procedimentos utilizados. Seguidamente, no primeiro capítulo, fizemos um breve histórico do período do surgimento da feira-livre em geral e no Brasil. Ainda nesse mesmo capítulo foi mostrado às características e história da cidade que será o foco da pesquisa, ou seja, a cidade de Jacobina-BA, assim como também o surgimento da feira na cidade.

No segundo capítulo abordamos os olhares da feira-livre. O primeiro olhar voltado ao econômico, tal como aqueles que leem a feira a partir do conceito de circuito superior e inferior, bem como a entendendo como manifestação da diversidade de produtos ali encontrados. Na segunda parte desse capítulo, expomos como a feira-livre pode ser vista sob a perspectiva geográfica humanista, contextualizando com a feira da cidade de Jacobina-BA.

No terceiro capítulo desse trabalho, decorremos sobre o conceito de lugar na perspectiva humanista, onde possibilita as relações entre o sujeito e o lugar, apontando como este se torna o lugar do vivido. Isto foi feito a partir dos diálogos gravados através das conversas realizadas com quem frequenta a feira-livre de Jacobina.

|

1. A TRAJETÓRIA DA FEIRA-LIVRE

1.1 Breve histórico da origem da Feira-Livre

A Feira-livre tem um papel significativo e historicamente sempre esteve presente no cotidiano do homem sobre tudo como um dos primeiros centros de trocas e venda de produtos, ela não exerce influência apenas no que se refere a economia, ou seja, a venda e compra de mercadorias, mas também é um lugar propício no que diz respeito às relações sociais. É nela que diferentes grupos interagem e compartilham percepções, saberes, constroem relações de amizade, de intimidade, laços umas com as outras, ao contrário do que frequentemente acontece em outros centros comerciais, tais como os hipermercados, no qual a relação entre o vendedor e o cliente perpassa a função meramente mercantil.

O período e o local exato do surgimento das primeiras feiras-livres são incertos. Para alguns historiadores e pesquisadores acredita-se que há 500 A.C a mesma já existia. Para Verdana (2004) a feira-livre já era presente na antiguidade em Roma e Grécia onde aparecem os primeiros indícios da presença da mesma. Nesse período existia um fluxo de mercadorias variadas e de pessoas de diferentes localidades com objetivo de trocar produtos, pois o que era abundante para um grupo para outro já não era, isso possibilitou o intercâmbio de mercadoria. Huberman (1976) argumenta que a feira-livre tinha maiores proporções a serem negociadas, pois tinham mercadorias vindas de diversos pontos do mundo. A feira-livre era o centro distribuidor, onde os grandes mercadores compravam e vendiam as mercadorias oriundas do Oriente e Ocidente. Entre o povo hebreu segundo a Bíblia, mostram indícios da existência de feiras “Tendo Jesus entrado no pátio do templo, expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo” (Mateus 21: 12). E em outro trecho:

Então ele fez um chicote de cordas e expulsou toda aquela gente dali e também as ovelhas e os bois. Virou as mesas dos que trocavam dinheiro e as moedas se espalharam pelo chão. E disse aos que vendiam pombas: tirem tudo isto daqui! Parem de fazer da casa do meu Pai um mercado! (Bíblia de Estudo, 2008. João 2: 15 e 16)

Nesse sentido, Jesus ao se referir aquelas pessoas exortava-as quanto ao comércio no Templo, o que indica que a comercialização era frequente e diversificada prefigurando uma feira-livre.

Já no período da Idade Média a feira-livre era ligada as festas religiosas da época, o que possibilitava fluidez maior de pessoas e mercadorias que em outros dias. Essa característica festiva revela muito sobre a feira-livre, pois até nos dias atuais esse atributo ainda permanece.

A palavra “feira” provém do latim “*feria*”, e significa dia festivo. Nos dias de festa os mercadores iam à praça pública negociar suas mercadorias. O termo “feira” surgiu em português porque na semana da Páscoa todos os dias eram feriados – férias ou feiras – e os mercados funcionavam ao ar livre (PAZERA JR. 2005, p.25)

É na Idade Média que a feira-livre cumpre o papel de fortalecer as relações comerciais e econômicas desse período.

As feiras são um dos aspectos mais importantes da organização econômica da Idade Média. Nascidas da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem e o campo e o da cidade, elas representam o ponto de contacto entre o produtor e consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época em que a circulação das pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca segurança das jornadas e pelo excesso de portagens e peagens (RAU 1982, p. 33).

Nesse período da História a feira desempenhou um papel fundamental para a economia, visto que o escoamento de produtos se dava através da mesma, indicando assim sua relevante contribuição para o comércio dessa época.

No final do século XI, o sistema feudal entra em declínio e a burguesia ganha ascensão, o sistema feudo de troca com a burguesia passa a ser feita pela comercialização dos produtos. As feiras dentro dos burgos eram mais organizadas e os mais variados produtos eram vendidos.

Os mercados anuais, em geral chamados feiras, da *feria* (festa ou feriado) a que estavam ligados, já implicavam organizações mais complexas. Qualquer espaço livre servia aos mercadores profissionais instalarem as suas barracas ou armarem as tendas [...], mas não viriam de longe a menos que tivessem quaisquer garantias de acesso livre e fácil, algumas vantagens e conveniências durante a estadia e, evidentemente, uma possibilidade razoável de obter lucros (LOPEZ 1980, p. 99).

Neste contexto as Cruzadas também tiveram um papel importante nas feiras-livres, pois devido a expedições marítimas, o acesso a diversão e produtos que não possuíam na Europa eram garantidos, era o caso de especiarias como a pimenta, o cravo dentre outros obtidos no oriente. Braudel (1998) destaca que nesse período eram os comerciantes que buscavam os consumidores dessas cruzadas. Outra característica da feira-livre nesse período foi seu papel significativo como engrenagem no crescimento das cidades européias (BRAUDEL, 1998), além de fortalecer as relações econômicas desse período. Em concordância Henri Pirenne (1973) comenta que a formação das primeiras aldeias e mais tarde cidades surge no ato da troca de mercadorias realizadas nas feiras-livres, as mesmas transpassaram os séculos, adaptou-se a cada sociedade a qual estava inserida, sua organização, a fixação/definição dos dias e locais de sua realização.

No Brasil as feiras-livres existem desde o período colonial, onde os portugueses trouxeram (ALMEIDA, 2009), pois os mesmos já eram familiarizados com a forma de comercialização em feiras. Mott (1976) afirma que a primeira feira no Brasil data do ano de 1548, no então reinado de D. João III.

[...] se façam em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houver mister, e assim ordenareis que os cristãos não vão às aldeias dos gentios tratar com eles. (MOTT, 1976, p.83).

Segundo o autor a feira desse período tinha o objetivo de estabelecer contato e relação com os nativos e que a feira-livre foi utilizada como o local de estratégia de trocas materiais e de relações sociais.

Contudo, segundo Mott (1976) a feira no Brasil não foi estabelecida de imediato, a mesma teve alguns empecilhos entre eles, a supervalorização dos engenhos que conseguiam manter a casa grande com as senzalas, pois proviam o necessário para se abastecerem logo não precisava ir a outros lugares comprar mercadorias, e se por ventura faltasse os alimentos iam buscar nas metrópoles. Outros agravantes eram a falta de mão de obra que se concentravam em sua grande maioria nos engenhos de açúcar, como também a falta de variedades de alimentos que não eram capazes de manter o comércio local. É importante salientar como (Virgens, 2008) destaca, as feiras dessa época as quais os estudos de Mott (1976) relatam se configuram como feiras rurais onde há registro do ano 1732 e

refere-se à Feira Rural de Capoame, atual Dias D'Ávila, na Região Metropolitana de Salvador.

A feira-livre a qual conhecemos aquela que está presente no centro urbano veio de fato se concretizar com o desenvolvimento demográfico da colônia e sua diversificação econômica (VIRGENS, 2008).

Com a preocupação de higienização, organização, acrescentado ao pensamento do bem estar se viu a necessidade de um local próprio para a venda dos produtos oferecidos. Nesse sentido entra em ação o poder público com objetivo de legalizar, fiscalizar, e onde passa a partir daí a cobrar os impostos dos feirantes.

A feira livre no Brasil constitui modalidade mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gênero alimentício e produtos básicos. [...] cada feirante devidamente enquadrado com sua numeração e seu lugar precisamente demarcado, os horários de início e término vigiados rigorosamente pelo policiamento. (MASACARENHAS DOLZANI, 2008, p. 75).

Destaca-se que no Brasil as feiras impulsionaram o surgimento e crescimento de algumas cidades e intensificaram a cultura local, em especial na região Nordeste, onde até hoje as pequenas e médias cidades são conhecidas por suas feiras e pela cultura nelas representadas. Algumas delas tornaram-se núcleos econômicos e culturais importantes isso devido especificamente à feira, como por exemplo, Caruaru no Estado de Pernambuco.

Em trabalhos sobre a realidade das feiras, não raro podemos encontrar pista que nos levem a afirmação de que diversas culturas estão nas mesmas, muito bem representadas, sobretudo em se tratando de mercados tradicionais, onde os produtos comercializados revelam muito da cultura de determinada localidade. Presente no artesanato, facilmente encontrado em qualquer um destes espaços, bem como, certos tipos de comidas típicas e artigos religiosos, como os de umbandas e/ou candomblé, que também encontram nas feiras espaço garantido, o que mais poderia estar senão representações de cultura? Algumas feiras estão tão envolvidas com as culturas das localidades em que se insere a ponto de se tornarem pontos de referência destas últimas, Caruaru é um exemplo, bem como Campina Grande. (FERRETTI, 2000, p. 67).

A feira-livre é o local de heterogeneidade, o local para todos sem acepção, ali a diversidade de pessoas e de costumes é garantido, ali se encontra de tudo, barracas de verduras, legumes, como também os pontos de trocas de objetos

usados conhecida com a “feira do rolo”, as barracas de roupas, barraca do remédio caseiro entre outros. Tal diversidade encontrada na feira livre é o reflexo da cidade na qual está situada. A feira-livre de Jacobina não é diferente, ela não apresenta apenas uma diversidade de barracas e produtos, mas também mostra a multiplicidade de indivíduos que se relacionam e a transforma tornando um lugar único.

1.2 Um pouco sobre a Cidade de Jacobina- BA.

O município de Jacobina-Bahia está localizado no centro do Estado Baiano, dentro da chamada zona fisiográfica da encosta da Chapada Diamantina. Está localizada a 330 km aproximadamente de distância da capital Salvador. Com população estimada em 84.811 habitantes. Limita-se ao Norte: Mirangaba, Saúde e Caém; ao Sul: Várzea Nova e Miguel Calmon; ao Leste: Serrolândia, Quixabeira e Capim Grosso; ao Oeste: Ouroândia. O Município é composto de 4 (quatro) distritos, em divisão territorial datada de 1993, sendo eles: Caatinga do Moura, Itaitú, Itapeipú e Junco (IBGE, 2010).

Apresenta como principal bioma a Caatinga, um relevo acidentado, favorecido por Serras, canyons, desfiladeiros, dentre os quais pode se destacar Serra do Tombador e Pico do Jaraguá. Apresenta também planaltos e planícies, o clima semiárido, com períodos de chuvas regulares e tem como principais rios o Rio do Ouro e o Rio Itapicuru-Mirim.

O nome da cidade vem do vocábulo indígena “jacobina”, que significa campo aberto, vasto sem elevação. O nome também é dado devido ao Mito Fundador da existência de um casal indígena chamado Jacó (ele) Bina (Ela). Segunda a lenda o casal apresentava grande cordialidade com os visitantes, e recebiam assim presentes, eles também facilitavam a comunicação dos visitantes com outros índios, o que era de grande ajuda, pois os mesmos estavam interessados em obterem informações das ricas minas de ouro presente na cidade. A lenda conclui, com a morte do casal, o local ficou conhecido como “Jaco e Bina”, cuja grafia, no decorrer do tempo teria passado pelas seguintes formas ortográficas: “Jacoabina”, “Jacuabina”, “Jacoebina” e, finalmente, Jacobina. (Marcelino, 2001)



Figura 1: vista da cidade de Jacobina 1962
Fonte: IBGE, ano 2010



Figura 2: vista da cidade de Jacobina 2013
Fonte: Arquivo Pessoal.

A história da cidade é antiga inicia no século XVII, e seu povoamento se dá devido às missões jesuítas, a pecuária que contribuiu para o surgimento da feira e a mineração, Gomes (1952). Com destaque a essa última, que por conta da mineração, Jacobina passa a ser conhecida como “cidade do ouro”.

Os exploradores [no século XVI e início do XVII], em suas viagens de levar e trazer gado e procurar riquezas minerais, e também os religiosos sempre passavam pelas terras de Jacó e Bina, tornando-se um local de encontro e repouso dos vaqueiros e viajantes, em geral vindos do litoral para o sertão e vice-versa (FILHO, 2006, p. 39-40).

É nesse cenário que Jacobina torna-se parada ideal e obrigatória para aqueles que estavam atrás de ouro, das missões religiosas, criação e descanso do gado.

A corrida do ouro teve sua importância, pois com a exploração aurífera Jacobina passa a ter um intenso fluxo de pessoas. Nesse sentido a cidade torna-se cidade dos sonhos, riquezas para todos que ali iam (COSTA, 1918). A mineração foi também um fator decisivo para o então povoado ser decretado cidade, isso por que a mineração acontecia de forma clandestina e a coroa portuguesa a elevou em 1722 a Vila de Santo Antônio de Jacobina com extensão de 300 léguas com abrangência

do Rio de Contas até os limites de Sergipe. E em 28 de Julho de 1880 foi elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial nº 2.049, recebendo o nome de Jacobina.

Apesar da importância da mineração para a cidade, destacamos aqui também à criação do gado, que graças a ela, além de também ter sido importante para o povoamento da cidade é com ela que surgem os primeiros indícios da feira-livre, isso porque Mott (1976) correlaciona o surgimento das feiras no nordeste com a comercialização da carne de boi, pois o abate do animal era feito uma vez por semana onde o fluxo das pessoas que saíam dos povoados e vila era maior. Nesse sentido a cidade de Jacobina não fugia a regra.

A vila de Jacobina não conta em si 12 pessoas que comprem diariamente 10 libras de carne. A população pobre vive de feijão e de farinha (...) obrigar-se a matar uma rés diária é o mesmo que obrigar o marchante a perder a metade dela, porque é o que pode vender. Nunca se matou gado na Jacobina senão uma vez por semana, no dia de sábado (MOTT, 1976, p.63)

Nesse sentido a comercialização em torno da carne bovina passa a ser comum, e o dia de vender o gado era também o dia em que se realizava a feira, percebemos então a ligação da feira com o abate do gado, sendo este comercializado apenas no dia que ia acontecer a mesma.

A Jacobina de ontem guarda na sua História os primeiros indícios de um comércio ao ar livre, apontando para um circuito onde a efervescência de pessoas e mercadorias indicavam um negócio pulsante.

1.3. A trajetória da Feira- livre em Jacobina- Bahia.

A feira-livre de Jacobina a *priori* era de forma rudimentar, e era também o principal centro de abastecimento e compra de produtos de primeira necessidade das então classes menos favorecidas (VIRGENS, 2008). Segunda a autora a feira também além dessa característica, estava ligada a venda da carne bovina e tinha sua influência exercida pelo poder público em relação ao dia que a mesma aconteceria.

Nessa perspectiva a influência do poder público era tão comum que a feira da cidade a depender de quem estava no governo mudava de local. Essa realidade era tão corriqueira que no período que a cidade era controlada pelos coronéis e a depender do seu arbítrio a feira tinha que mudar e isso ficara no imaginário de sua população (VIRGENS, 2008). Uma das primeiras mudanças devido a isso aconteceu no início do século XX.

Fica expressamente proibido o mercado público desta cidade na Praça da Matriz, que tem lugar no dia de sábado. O mesmo mercado terá de reunir-se de hora em diante na Praça Municipal desta cidade por este ser o lugar apropriado. Os contraventores destas disposições estão sujeitos a multa de 20 mil réis por cada infração e o dobro nas reincidências. Revogam-se as disposições em contrário. (Arquivo Público de Jacobina. Conselho Municipal de Jacobina Lei nº478 de 30 de setembro de 1902. Livro de leis e resoluções (1908 – 1915).

Como dito anteriormente, a feira-livre passa a exercer grande importância principalmente entre as classes populares. Por isso no dia 12 de fevereiro de 1965, na administração do prefeito Ângelo Mário Costa Brandão o decreto nº 236 é aprovado onde regulamenta o Mercado Público Municipal de Jacobina, e estabelece regras afins que deveriam ser obedecidas pelos feirantes.

O Mercado Público Municipal se destina à venda de gêneros alimentícios e artigos de consumo, asseio e uso doméstico para o abastecimento da população, a Prefeitura poderá, entretanto permitir, a venda no mercado de quaisquer produtos que julgar conveniente, considerando-se gêneros alimentícios substanciais comestíveis, o leite e bebidas não alcoólicas. As bebidas alcoólicas poderão ser vendidas somente em vasilhames fechados, não podendo em hipótese nenhuma, serem ingeridos no recinto do mercado. (Artigo nº 2, Leis e Resoluções do Mercado Público Municipal. Arquivo Público de Jacobina)

Uma dessas regulamentações era a proibição de bebidas alcoólicas, que era visto como possível causador de desordem, a higienização também apresentava uma questão importante e o decreto estabeleceu como deveria ser o processo de limpeza, a forma de organizar cada produto e o que era permitido e o que não era para vender. Uma regulamentação que chama atenção é que nenhum feirante deveria “gritar” para chamar clientela, o que reprimiu uma das mais conhecidas características de feira “nenhum mercador poderá apregoar as mercadorias ou chamar a atenção para as suas bancas por meio de campanhas”. Tal ato era uma manifestação clara de perturbação “ou qualquer meio que perturbe o relativo silêncio

que deve ser mantido” (Artigo nº. 50 Leis e Resoluções do Mercado Público de Jacobina. Arquivo Público Municipal)

As dependências registradas com o número de 17 a 55, somente poderão ser usadas para venda de carne verde, aves mortas e derivados, as dependências registradas com o número 61, somente poderá ser usadas para a venda de peixe e a de 62, para lanches e bar; as dependências registradas com o número 57 e 59, somente poderão ser usadas para venda de aves e animais vivos. (Artigo nº 05, Leis e Resoluções do Mercado Público de Jacobina. Arquivo Público de Jacobina)

Na década de 1970 a cidade começa apresentar uma modificação em sua estrutura, ou seja, o então gestor Flávio Mesquita Marques, dava início ao planejamento e modernização da cidade com o objetivo do progresso, contudo para o mesmo a feira-livre era vista como empecilho ao progresso.

A primeira vontade seria tentar urbanizar o centro da cidade associado a um trabalho de saneamento do Rio Itapicuru e do Rio do Ouro, porque, as barracas obstruíam aquela Avenida Orlando Oliveira Pires e também porque naquelas barracas ficavam pessoas hospedadas. Além do uso de bebidas alcoólicas e muita farra né, eu não gostava desse ambiente e desse aspecto (...) era uma sujeira muito grande ali e também eu achava que contribuiria para amarrar o crescimento da cidade de Jacobina daí tentar modificar o local, melhoria do aspecto social, saneamento com limpeza pública.¹

A feira-livre estava localizada na Rua Getúlio Vargas no centro da cidade. Para o prefeito da época a feira livre apresentava alguns problemas como a higienização precária, como também era um centro de perturbações morais e cívica, era um centro de desordem e prejudicava o bem estar da cidade. Segundo o jornal da época – “A Palavra”, a feira apresentava os problemas que o setor público destacava, contudo a solução encontrada era de responsabilidade do mesmo setor, em melhorar as condições no local e dos que ali frequentavam. Porém apesar dos argumentos apresentado pelo jornal o gestor contra argumentou que a solução cabível para os transtornos da feira ainda seria a transferência, isso fora usado como argumento, pois o local estava sendo visto para outros fins.

Segundo Virgens (2008) a idealização de transferência da feira livre causou transtornos entre os feirantes, pois os mesmos não foram consultados e não viam vantagens. Devido a isso aconteceram vários debates em torno do assunto, o Jornal

¹ Flávio Mesquita Marques 65 anos. Prefeito da cidade de Jacobina no período de (1977-1982) Entrevista concedida em 12/out./2004 a Sílvia Catarina Araujo das Virgens.

da época - “A Palavra” intitulava-se como porta voz dos feirantes e constantemente em suas páginas traziam noticiários acerca das questões de higienização e da transferência da feira. Para o jornal a transferência da feira-livre não era solução para as questões agravantes que perpetuavam em torno da feira.

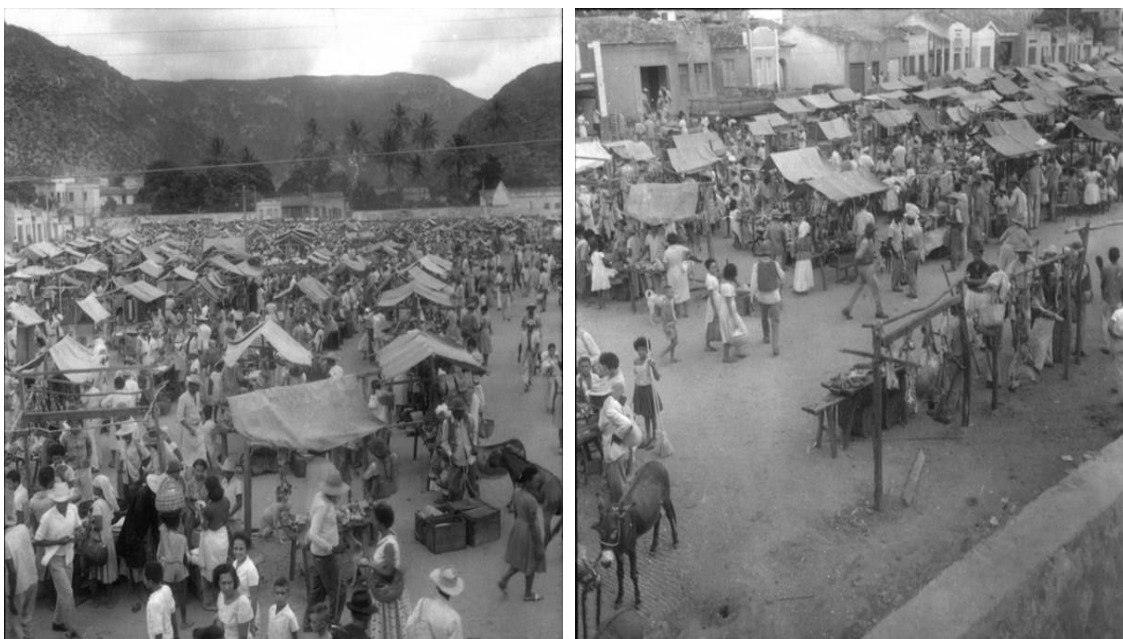


Figura 3 e 4 : vista da Feira-livre de Jacobina. Fevereiro de 1962
Fonte: IBGE, ano 2010.

Nossa Prefeitura resolveu mudar a feira de Jacobina de onde se encontra, para um outro local. Primeiramente é bom que se diga que o problema não reside no local onde funciona esse meio de movimentação da vida econômica jacobinense. Ao nosso ver o que existe é a falta de organização. Sabe-se, porém, que a Prefeitura constrói uma área coberta para onde, sem dúvida, irão à feira e o mercado. Se a mudança que se pretende, contribuir para o bem de Jacobina, será ótimo. Resta saber se os problemas aqui listados terão solução ou apenas serão transportados para outro local? Não seria melhor solucioná-los agora? (Jornal, A Palavra. Jacobina/BA, 25 de Abril de 1981)

Vale salientar que apesar de todo o aparente interesse do jornal em defender a causa dos feirantes, o jornal pertencia a Carlos Alberto Pires Daltro (prefeito de 1983-1988) principal adversário político do então prefeito da cidade. Percebemos assim como as questões e interesses partidários estavam acima do bem estar do povo.

De acordo ainda com Virgens (2008) diante das inúmeras justificativas que a feira-livre no centro da cidade trazia grandes transtornos, a mudança da mesma passa a ser algo certo a partir do momento que é colocado em pauta. A partir do projeto do Prefeito Flávio Mesquita começam os esforços para obtenção de verba para a construção do novo centro de Abastecimento, e o então prefeito envia mensagem a Delfim Neto, secretário de Planejamento da Presidência da República.

O município de Jacobina, Estado da Bahia é sede da 11ª Região Administrativa do Estado. Além disso, é o mais populoso da região São - Franciscana, tendo uma vocação agrícola natural, e variada, sendo um grande centro produtor de cereais e hortigranjeiros, devido à existência de micro-climas em seu vasto território. É necessária a construção de um Centro de Abastecimento, na nossa cidade, que está vivendo o ano do seu centenário, para atender ao grande problema da nossa população nesse setor. Com presente solicito de V. Excia. auxílio de CR\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros) para a construção, pela Prefeitura Municipal, do centro de Abastecimento de Jacobina (Correspondência enviada em 28 de março de 1980. Arquivo Público Municipal de Jacobina).

Segundo Virgens (2008) o novo empreendimento ocuparia uma área de 15.000 m² quadrados para as instalações e uma área para estacionamento com pavilhões em estruturas metálicas e cobertura de 2.000 m². Totalizando valor de CR\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros). Esse projeto seria financiado pelo governo federal, mas também pelos recursos da prefeitura municipal. Cabe salientar que o então governo estadual tendo como gestor Antônio Carlos Magalhães estava concretizando obras em todo o Estado da Bahia, o centro de venda e compra para comanda popular - a Cesta do Povo. E na cidade de Jacobina, o mercado popular seria construído ao lado do então novo centro de abastecimento centralizando e concentrando assim a comercialização popular. E com grande festa com direito a trio elétrico e a presença do governador e outras autoridades, no dia 21 de setembro de 1981 foi inaugurado o novo Centro de Abastecimento juntamente com outros projetos, o Hotel Serra do Ouro e a Cesta do Povo.

O governador Antônio Carlos Magalhães esteve ontem no município de Jacobina, acompanhado de autoridades, inaugurando diversas obras, ente as quais a Cesta do Povo, o Centro de Abastecimento (obra municipal) e o hotel Serra do Ouro, e assinando as ordens para o término da construção da Estação Rodoviária de Jacobina (...). O Centro de Abastecimento foi construído pela Prefeitura com a ajuda da SEPLAN, com recursos da ordem de CR\$ 10 milhões e ocupa uma área de 12 mil metros quadrados (...) e vai abrigar a antiga feira que ficava no centro da cidade dificultando o tráfego e

sem ter condições de melhoria sanitária. (Jornal, Tribuna da Bahia, Salvador/BA 22 de setembro de 1981, p.3)

Apesar de a inauguração ter acontecido nessa data, a transferência dos feirantes só aconteceu no ano seguinte, isso debaixo de insatisfação, pois a maioria dos feirantes não queriam a mudança já que havia anos que estavam lá e a mudança iria prejudicar a comercialização dos produtos pelo lugar ser longe como também não daria o suporte necessário para que acontecesse uma boa comercialização, e essa insatisfação fora acompanhada de abaixo assinado.

Os infra-firmados, feirante, abatedores e comerciantes de vários ramos com exercício no Mercado Municipal de Jacobina, vem perante V.Exa, expressar o mais veemente protesto quanto à mudança da feira semanal dos comerciantes do Mercado Velho para o seu substituto, obra inacabada que fere aos direitos mais legítimos que temos e desejamos exercita-los nesta ora grave porque os infra-firmados vem passando e toda Jacobina. (...) A mudança para outro prédio não oferece a mínima segurança para o exercício do comércio (...). A complementação da obra pelos comerciantes além de ser injusta é inviável, pois, a maioria não dispõe de recursos para isso. Diante dessa situação vexatória, os infra-firmados protestam contra a mudança da feira (...) e irão à justiça para a defesa de seus direitos indiscutíveis, ameaçados pelo ato do prefeito de mudar a feira para o dia 12 de março do corrente ano ²

Contudo apesar de todas as tentativas de continuar no antigo local os feirantes foram retirados e transferidos, isso porque entre o povo e o gestor prevaleceu aquele que detém o poder.

A feira-livre de Jacobina foi transferida para Rua José Rocha, esquina com Avenida Lomanto Junior. Apesar da insatisfação dos feirantes a mudança da feira teve como ponto positivo a urbanização do centro periférico. Contribuiu para o povoamento do Bairro do Peru até então pouco povoado, que tornou-se valorizado e hoje considerado um dos bairros mais importantes da cidade. O seu entorno também passou a ser valorizado principalmente pelos comerciantes onde é possível encontrar, lojas de roupas, restaurantes, farmácias, pequenos mercados, como também os dois principais supermercados da cidade; o Frio Verdura e o Servilar. Vale ressaltar que apesar da mesma ter sido transferida, algumas barracas de verduras e legumes orgânicos continuam no “mercado velho” conhecida como feirinha e exerce uma forte influência naquele local.

² Abaixo Assinado encaminhado ao prefeito de Jacobina em 05 de fevereiro de 1982

Apesar de estar próximo a grandes e pequenos mercados e ter que concorrer com eles, a feira-livre vem sobrevivendo. A mesma tem cumprido o seu papel de fornecedor importante de mercadoria e responsável também pelo sustento de famílias através da agricultura de subsistência que ali é vendida.

Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois esse mercado elementar, onde se vende, sobretudo “sem intermediários” é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais bem vigiada, protegida contra embustes (BRAUDEL, 1998, p. 15)



Figura 5: Imagem de Satélite da Feira- livre de Jacobina
Fonte: Google maps.

A feira-livre é um fenômeno singular e único, e historicamente faz parte da humanidade como um todo, o que percebemos também na cidade de Jacobina. Para Braudel (1998) a feira possui duas funções o econômico e o social. O surgimento da mesma deu justamente a partir desses dois fatores. Diante disso abordaremos como a feira-livre sempre foi vista: sob a ótica econômica e como ela perpassa essa visão unilateral, ou seja, a feira livre como lugar das relações.

2. OS OLHARES DA FEIRA-LIVRE

2.1 O Olhar econômico

Desde o seu surgimento a feira-livre tornou-se um local de relações econômicas, onde a venda e troca de mercadorias aquecem o comércio varejista. Isso ficou evidente ao depararmos com trabalhos que abordavam a temática sob essa vertente. Diante da sua importância na comercialização de diversos produtos, nesse capítulo fizemos uma significativa abordagem da feira enquanto comércio, entendendo que a mesma provoca uma dinamicidade na cidade, atraindo pessoas (consumidores e vendedores) de diferentes localidades.

No Brasil colônia, as trocas de produtos eram efetivadas para atender às necessidades básicas da população e davam-se entre as comunidades circunvizinhas. A partir da demanda de comércio/exportação, apresentada pelos portugueses, as atividades de trocas concentraram-se nos produtos tropicais e metais preciosos, a fim de suprir o mercado internacional. (ALMEIDA, 2009, p. 25).

Neste aspecto mercantilista podemos atentar para a valorização da feira enquanto comércio, destacando a dinâmica de compra e venda, pois sempre foi vista sob esta ótica, agregando valores de mercado e impulsionando as relações comerciais.

Contudo, a feira apresenta-se como um bem particular da sociedade no momento em que aborda as condições econômicas-culturais, haja visto, que na oferta/procura de mercadorias as relações de troca perpassam valores materiais. Assim observamos que a feira abrange um comércio diferenciado no que tange ao vínculo entre comerciantes e fregueses.

Na feira acontece a reciprocidade que advém das múltiplas interações existentes no ato da compra de determinado produto, estabelecendo assim um modo peculiar de comercializar, satisfazendo não apenas ao consumidor, mas estreitando as relações entre feirante e freguês. A compreensão da função econômica da feira percorre pelas diversas áreas do conhecimento:

Quando comecei a estudar as feiras, a coisa que constatei, é que se tratava de um domínio interdisciplinar, unindo a antropologia, a geografia e a economia, mais precisamente a antropologia econômica, a geografia do comércio ou da circulação e a economia política todas as disciplinas com produção específica sobre esse assunto. (FERRETTI, 2000, p. 14).

O estudo econômico da feira perpassa pelas distintas áreas das Ciências Sociais, ampliando e auxiliando no desenvolvimento da temática. Percebemos que a feira, vista até então como livre comércio, vai além, associando economia e interação social, contribuindo no desenvolvimento do comércio local e atribuindo-lhe significados diversos.

A feira-livre é uma das formas mais antigas de comercialização, que vem resistindo apesar de outros canais de distribuição de produtos como shopping center, lojas de conveniências, supermercados e hipermercados. Sua relevância econômica revela as horizontalidades e as verticalidades promovendo uma dinâmica do espaço. "As horizontalidades serão os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais" (SANTOS, 2002, p.16). Assim, a horizontalidade da feira dar-se-ia pela importância comercial para o município e a alteração da rotina no meio em questão. Em relação a verticalidade pessoas de outras localidades se deslocam para a feira com o objetivo de comprar e/ou negociar produtos.

A comercialização pulsante das feiras aquece um comércio que sobrevive mesmo com o advento da modernidade e são a maior e mais completa representação de mercado. Os produtos comercializados são diversificados atendendo os diferentes fregueses que frequentam a feira. Desde confecções, artesanatos, carnes, frutas e verduras, entre outros artigos vendidos, esse comércio popular dinamiza a venda e compra dessas mercadorias.

A eficiência econômica dos atores que compõem a feira se concretiza no gerenciamento e manutenção dos empreendimentos cooperativos ali existentes constituindo a identidade própria de ser feirante e freguês. Verificamos na feira o que, conforme Singer (2000) constitui-se em economia de comunhão - aquela que

segue o caminho da cooperatividade, “da eficiência sistêmica em vez da eficiência apenas individual”.

Realizada semanalmente as sextas-feiras e aos sábados, a feira de Jacobina abrange o Centro de Abastecimento, algumas ruas e calçadas arredores. Sua localização torna-se extremamente viável para a distribuição de mercadorias e circulação de pessoas. Na sua abrangência estão distribuídas atividades comerciais e de serviços.

A feira de Jacobina apresenta uma importante característica, a sua compartimentação. Ela é subdividida por setores e estes distribuídos de acordo com os produtos a serem comercializados. Os principais são: os setores de roupas e calçados, frutas e verduras, carnes, peixes e aves, o setor da farinha e grãos e outros de menores proporções como, por exemplo, os de utensílios domésticos e de artesanatos em geral. Vale ressaltar, que embora os feirantes se localizem de acordo com os setores, essas subdivisões não obedecem a uma organização rígida, ela acontece de maneira espontânea, não impedindo que os feirantes ocupem outros setores diferentes.

Percebe-se assim, certa coesão dos setores da feira. De acordo com Corrêa (1993, p.56) a coesão é o “movimento que levam as atividades a se localizarem juntas”. Mesmo alguns setores acolhendo atividades diferentes há uma harmonia espacial entre ambas. Tal característica proporciona benefícios para os feirantes e fregueses no momento da comercialização, pois uma variedade de mercadorias em um pequeno espaço “pode induzir o consumidor a comprar outros bens que não faziam parte de seus propósitos” (CORRÊA, 1993, p.57).

Durante a semana nessa área as atividades acontecem normalmente, enquanto que nas sextas e aos sábados o fluxo de pessoas a procura de produtos e outros serviços se intensificam alterando a dinâmica do local. Toma-se por exemplo, o trânsito que fica agitado nas proximidades da feira. Embora a mesma aconteça nos dias acima citados, observa-se que na terça-feira já acontece uma movimentação no lugar, pois é nesse dia que chegam as mercadorias e os feirantes começam a se organizar.

No interior das feiras e em suas redondezas é tecida uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais. Os mercados livres, dominados

pelo setor informal, apresentam elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessas reuniões coletivas. (MORAIS & ARAÚJO, 2006 p.07)

A diversidade encontrada nas feiras em especial na feira de Jacobina, demonstra seu valor enquanto lugar de troca de saberes simbolizando toda uma cultura popular.

Na feira, cada feirante tem seu ponto fixo e semanalmente ocupam seu espaço respeitando o lugar de cada um. Em um primeiro momento parece que a feira está desorganizada, mas logo percebe-se a sua importância para a comercialização.

Como na maioria das feiras, a de Jacobina é composta por bancas feitas de madeira e cobertas com lonas, que o próprio dono se encarrega de transportar até o local. Algumas bancas são improvisadas, mas como a estrutura é por um curto período a sua montagem e desmontagem torna-se fácil, ao final da feira são recolhidas e depositadas em locais apropriados. No que se refere a organização interna do Centro de Abastecimento é possível observar uma imensa variedade de produtos sendo comercializados no chão, em carroças, nas mãos pelos ambulantes e nos boxes.

Atualmente, as modernizações ocorridas nos países emergentes são caracterizadas pela divulgação generalizada da informação e do consumo, segundo Santos (2004, p. 36), “a primeira estando a serviço do segundo -, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço”. Com essa ampliação e repercussão das duas variáveis, surgem novos conceitos gerados através das forças de concentração e de dispersão da informação e do consumo, no qual irá repercutir no espaço de maneira diferente (SANTOS, 2004).

Com as atuais formas de dispersão da informação e o aumento da concentração de renda, surge uma sociedade de consumo e com ela novas formas de produção instigados pela mídia através das publicidades. Cria-se então um cenário, onde aumenta-se a diversificação de bens e serviços enquanto a renda da classe menos favorecida continua estável. Isso faz com que exista uma maioria pobre convivendo ao lado de uma minoria rica, criando assim, ao mesmo tempo na

sociedade urbana uma divisão do espaço, entre aquelas pessoas que podem consumir permanentemente e aqueles que necessitam consumir, mas não podem (SANTOS, 2004). Portanto, esse consumo beneficia uma pequena parcela da sociedade, enquanto a outra sofre com a escassez que se apresenta em seu dia a dia.

Sendo assim, essas discrepâncias quantitativas e qualitativas, presentes nas cidades dos países periféricos se expressa na forma dos dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. Santos (2004, p. 38), ao discutir esses dois circuitos, afirma que

Um dos dois circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica. [...] O outro é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas.

E afirma que o circuito superior é aquele que utiliza da tecnologia para se beneficiar, com organizações burocráticas, grandes quantidades de estoques e preços dos produtos fixos, como também se utiliza do marketing e créditos bancários entre outros. Já o circuito inferior, o trabalho é intensivo, com organizações primitivas pouco atuantes, pequenas quantidades de produtos, relação direta entre o produtor e o consumidor, há sempre variação dos preços de acordo com a discussão entre o comprador e o vendedor, a margem de lucro é pequena em relação ao volume dos negócios (SANTOS, 2004).

Nota-se a presença do circuito superior nas médias e grandes cidades através da realização do comércio moderno, com suas grandes redes de supermercados, shopping centers, lojas sofisticadas, nesses lugares o consumo é intenso e destinado a pessoas com bom poder aquisitivo. Já no circuito inferior, as atividades desempenhadas se baseiam em um modo de produção e consumo destinados a subsistência familiar. A feira livre de Jacobina é um exemplo desse circuito, onde se percebe muitos produtos manufaturados, agrícolas, artesanais entre outros sendo comercializados em pequenas quantidades.

A base do comércio na feira é constituída pelos feirantes e seus familiares, que dependem apenas dessa atividade para sobreviver. De acordo com a dinâmica

do circuito inferior, isso pode ser comprovado na feira de Jacobina, embora atualmente com menor intensidade. Nesse tipo de atividade a renda semanal ou mensal são incertas, como diz Santos (2004, p.198), no circuito inferior “ [...] o controle dos custos e dos lucros é raro [...] e a contabilidade praticamente ausente”.

No circuito inferior, em especial a feira-livre é responsável pela grande absorção de produtos. Com isso a mercadoria ofertada é bastante diversificada oriunda da própria cidade, municípios vizinhos e até mesmo da região. Em Jacobina podemos experimentar produtos provenientes de Ouarolândia, Caatinga do Moura, Umburanas, Caém, Saúde, Petrolina, Juazeiro entre outras.

As atividades comerciais exercidas pelos feirantes não acontecem apenas no varejo, ocorre também no atacado com os produtos agrícolas, isso porque os feirantes agricultores optam pelo escoamento mais rápido dessas mercadorias, pois a sua durabilidade é bastante curta, evitando assim prejuízos.

Determinados feirantes tornam-se importantes para os fregueses devido a variedade e qualidade dos produtos oferecidos, isso os coloca com maior vantagem quanto aos seus negócios em relação a outros vendedores. Como eles trabalham em mais de uma feira é necessário dispor de certa quantidade de mercadoria estocada. Os estoques mais favoráveis são para os feirantes dos setores de grãos, confecções, utensílios domésticos, além de produtos não perecíveis.

Percebe-se que mesmo os feirantes disponibilizando de uma quantidade de estoque, ainda se torna reduzido se comparada ao circuito superior. A razão para esse fato é que no circuito inferior o feirante não tem condições de investir muito capital em estocagem de mercadorias, já que a venda geralmente é feita em pequena quantidade ou são perecíveis (SANTOS, 2004).

Portanto, mesmo fazendo parte do circuito inferior da economia urbana, a feira apresenta estratégias e práticas que vem garantindo a sua continuidade. Algumas estratégias ocorrem através da organização de agricultores, feirantes e até mesmo consumidores. Assim, a feira-livre exerce o papel de assegurar o sustento e o trabalho de muitos indivíduos, sobretudo daqueles que vê nela seu único meio de sobrevivência ou para aqueles que buscam complementar a renda familiar.

2.2. O olhar humanista

É na feira-livre que encontro o “compadre” e a “comadre” e a conversa perpassa minutos, é lá que se deixa o “bocapiu” na barraca da comadre e só no final das compras que se pega de volta. É na feira que também fica-se sabendo quem casou com quem, quem separou e quem recasou. A feira é também a manifestação da diversidade:

Lá tem feijão de corda? Oi, tem, tem, tem! E a folha da maniçoba? Oi, também tem, tem,tem! Lá tem fatada de bode? Dobrada, quem pode? Síri de capote? Farofa amarela pra acompanhar? Oi, tem, tem, tem! Tem sururu na cabaça? Manteiga na garrafa? Pescada- amarela no cassuá? Oi, também, tem, tem, tem (ASSIS, Feira- livre. 2011)

A feira-livre possibilita ao freguês a troca, a conversa, a aproximação que outros centros de compra não proporcionam. Como Verdana (2004) aborda

A feira livre apresenta-se como o lugar de uma ordem diferenciada em relação a outros estabelecimentos comerciais modernos, como o exemplo do supermercado. (...) Na feira, dificilmente vemos filas, mas sim a parte da frente das bancas sempre lotada de pessoas que se acotovelam para escolher o que vão comprar e, do outro lado, o grito incessante dos feirantes para atrair sua freguesia. (VERDANA, 2004, p.48)

Freyre (2011) em concordância afirma.

Os modernos equipamentos de venda a varejo, tais como os supermercados, não dão (PI não criam) a oportunidade do indivíduo, do simples consumidor, estabelecer laços de uma futura amizade com outras pessoas nos momentos em que se abastece, durante suas comprar, nem uma suposta fidelidade mútua com o vendedor, isto é, não há muito diálogo, proximidade entre pessoas, não se desfruta de modo diferente desse tipo de lugar, etc. (FREYRE, 2011, p. 1-2)

A feira-livre reporta-se ao lugar da proximidade, da descontração, da brincadeira, da festa. É nela que os laços de amizade, afetividade, cordialidade ganham um significado único diferenciando a feira-livre de outros centros de compras.

O encontro, a conversa, a troca simbólica, o discurso são elementos que se incluem na troca material. Passar pelas ruas tomadas pelas “ barraquinhas” é contato, encontro com o outro, ver outras mercadorias, outras pessoas. Os sentidos são aguçados: são percebidos sons, odores, fala-se mais alto, anda-se mais à vontade, misturam-se ricos e pobres, brancos e negros, crianças e jovens e adultos... (COSTA, 2010, p. 174)

Vemos então que as feiras vão além do aspecto econômico lá também é o ambiente propício das relações de sociabilidade. Braudel (1998 p.6) afirma é “um centro natural da vida social”. Nesse sentido a feira não configura apenas como o mercado onde tem oferta e procura de produtos, mas é também o lugar das relações de sociabilidade, dos saberes e dizeres, ou seja, um lugar sócio-cultural.

No interior da feira-livre são tecidas relações de sociabilidades, pois indivíduos apropriam e utilizam o lugar manifestando interação com outros indivíduos ganhando assim uma configuração diferenciada. Para entender como a feira-livre ultrapassa a questão econômica e se torna um lugar voltado às questões mais humana, das relações do lugar do vivido é necessário direcionar a quem melhor explica essa vertente, a geografia humanista, contudo ao discutir relações vários campos das ciências, principalmente na sociologia, trazem contribuições importantes nesse sentido.

Na sociologia encontramos alguns autores que definem a interação entre sujeitos sendo relações de sociabilidade. Um desses autores é Domingues (1999, p. 21) para ele sociabilidade é o “tipo de atitude manifestada pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais”. Outro autor que traz contribuição é Maurice Agulhon (1977), para o mesmo, a sociabilidade está relacionada com a capacidade associativa da qual, as pessoas encontram meios de estabelecer relacionamentos amáveis com seus semelhantes. Baechler (1995) referente ao pensamento de Gurvitch (1969) também apresenta a sociabilidade como um ponto primórdio nas relações entre os indivíduos e como são capazes de estabelecer laços.

Outro autor que define o que é sociabilidade é o alemão Greorg Simmel cientista social que viveu durante o final do século XVIII e início do século XXI, fez grande contribuição a explicar tal fenômeno da sociabilidade. Para o autor a definição de sociabilidade permite compreender a forma como a sociedade é organizada, pois para o mesmo, a sociedade vai além de indivíduos que coexiste, ela está expressa nas relações de reciprocidade (TIMASHEFF, 1971).

Segundo Moraes Filho (1983) tradutor das obras Simmel, apresenta algumas ideias que dão início a sociabilidade, no sentido simmeliano, a *priori* destaca a interação, pois a mesma é um processo social basilar, constituída de diversas

maneiras, e a sociedade é uma unidade, a forma coletiva da interação e a mesma não existe só. “Sociedade” é “apenas o nome para vários indivíduos ligados pela interação”, “como uma resultante das ações e reações dos indivíduos entre si, isto é, por suas interações” (MORAES FILHO, 1983 p. 20-28).

O sentido simmeliano da interação é muito mais do estar com o outro por estar, a interação deve ser mais profunda baseada nas vivências, nos sentimentos e emoções, criando laços, teias. Quando a interação é profunda e recíproca ela passa para uma fase mais avançada o autor nomeia como sociação.

A sociação é, portanto, a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. Esses interesses [...] formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p.60-61).

Para o autor ao passar por esses dois processos de interação e sociação dá se a Sociabilidade, pois é o nível maior de interação. A sociabilidade em práxis necessita que ambas as pessoas estejam envolvidas, ou seja, haja reciprocidade.

A sociabilidade como rede de relações é compreendida pela construção de redes de relacionamentos que trasborda as questões de vizinhança, parentesco, amigos (BAECHLER,1995). Ela nasce espontaneamente e se apropria do espaço social onde se encontram por opção e possuem prazer em estabelecer relações uns com os outros. Logo, percebemos que segundo a sociologia, sociabilidade está ligada ao laço, a relação que indivíduos preestabelecem uns com os outros de maneira recíproca e consciente.

As contribuições da sociologia sobre as relações demonstram uma vertente similar com a geografia humanista a quem melhor aborda as questões humanas subjetivas como relação, sentimento, percepção, pois desde seu surgimento sua principal preocupação era com valorizar a experiência tanto do indivíduo como do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares (CHRISTOFOLETTI, 1985).

A geografia humanista foi à renovação e um novo caminho que geógrafos trouxeram na busca de explicar melhor tudo que envolvia o homem enquanto sujeito e não apenas um observador e trazia consigo questões mais humanas as

discussões científicas que até então eram pautadas mais no aspecto físico e objetivo.

As abordagens científicas usadas no estudo do homem tendem a minimizar o papel da percepção e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta especificamente compreender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da percepção humana. (TUAN 1985, p. 146)

Nesse contexto a fenomenologia é aderida ao pensamento da geografia humanista. Apesar de a fenomenologia ser utilizada na filosofia a mesma foi inserida na geografia com Relph (2012) no intuito de “desenvolver uma bagagem filosófica para as aproximações humanistas na geografia”, isso para entender o mundo vivido, as experiências humanas.

A fenomenologia é a substituição do objeto pelo sujeito, ela pensa o sujeito enquanto o ser no mundo. Ao fazer essa ponte para feira-livre vemos que a mesma é o “mundo da vida” “não um meio, um mundo de fatos e negócios, mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático” (Husserl, apud Buttimer p. 168). A feira-livre é configurada por sujeitos sociais que possuem relações, que organizam e se respeitam, que constroem um mundo de percepção, existindo assim a interação com o sujeito-sujeito e o sujeito-meio.

A feira é o lugar das manifestações sociais, onde as relações de reciprocidade caracterizam esse ambiente, ultrapassando seu papel puramente comercial, imprimindo-lhe significados. Nessa localidade pessoas de diferentes lugares se encontram estabelecendo vínculos.

(...) Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual. (ARAÚJO, 2012, p.52)

Nesse contexto, vemos a feira não apenas como local de trocas de mercadorias, mas um lugar de relações entre diferentes sujeitos que modificam a rotina desse espaço. Assim, a feira é o encontro da diversidade, das interações cotidianas, do acontecer frenético. Como afirma Braudel (1998, p. 68) “(...) A feira é o ruído, a agitação, a música, a alegria popular, o mundo às avessas, a desordem,

por vezes o tumulto”. Elas trazem em si os gestos, as diferentes abordagens no momento da oferta do produto a ser vendido, as preferências de compra em uma banca específica, e o ato prazeroso de dialogar com o feirante. Sobre estas especificidades

Tais espaços vão além de simples pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, *loci* escolhidos para os mais variados atos da vida social e mantem, assim, um sentido de permanência e de identidade. (ARAÚJO, 2012, p.51)

Percebe-se as relações de sociabilidade estabelecidas no ato da compra, pois é comum oferecer pedaços de produtos, tais como, melancia, abacaxi, laranja ou unidades como uva, banana, os quais são degustados pelos fregueses. Trata-se de um costume presente nas barracas onde esses gêneros são comercializados. Esse é um diferencial encontrado na feira, o gosto sentido no ato da compra.

Há os fregueses que apreciam os petiscos produzidos no espaço da feira: pastéis, churrasquinhos, beiju, bem como aqueles trazidos de casa: sucos, tortas, doce de calda, arroz doce, pamonhas. Esse momento de degustação representa uma parada para a conversa com um amigo ou conhecido. Nos deparamos com os sujeitos – feirantes e fregueses – que se organizam social e economicamente, consolidando as trocas sociais e materiais que ocorrem na feira.

As feiras consistem em lugares privilegiados desenvolvendo relações, desde ponto de encontro entre amigos até a disseminação da cultura popular através dos cordéis, do conhecimento das diferentes ervas que curam, o simples café na barraca de comadre, a magia do encantador de serpentes, a troca de saberes entre pessoas de localidades diferentes e os diversos sabores encontrados. “A feira é o local em que as sociabilidades se manifestam em todas as suas dimensões, sendo na rua que elas se expressam com maior intensidade” (ARAÚJO, 2012, p.52).

Consideremos então, os protagonistas deste cenário, sem os quais as relações sociais não aconteceriam, são os feirantes e fregueses, que continuamente promovem as diversas situações acompanhadas por aqueles que semanalmente fazem da feira seu ponto de encontro, conhecimento e interação.

Vale ressaltar, “o fato de esses personagens não serem homogêneos, uma vez que são em sua origem distintos e falam também de lugares sociais diferenciados” (ARAÚJO, 2012, p.62). Assim:

Mesmo que sejam todos feirantes, características peculiares existem, como os rendimentos, oferta de produtos múltiplos de mercadorias e origens diversas. São ofícios, portanto, que fazem parte da construção identitária de cada sujeito a partir de inúmeros elementos, que vão desde suas experiências individuais e coletivas, formação religiosa, educacional, familiar, memórias individuais de grupo. Em conjunto, essas especificidades fazem com que, mesmo pertencentes a um mesmo grupo social, os indivíduos possuam interpretações e valores diferenciados. (ARAÚJO, 2012, p.62).

A feira-livre é o palco dos feirantes e fregueses protagonizarem um espetáculo de interação, são os feirantes que dinamizam a feira atraindo fregueses para adquirirem seus produtos, e nesse ambiente de trocas de estratégias, gestos, sons e linguagens próprios que a feira se caracteriza como o palco das relações. A sonoridade emitida pelo feirante ao anunciar os seus produtos chamando a atenção do freguês para um determinado produto em especial, é descrito por Chion (1994, p.136) como visual-auditiva ao definir

como aquela em que o sujeito tem a sua atenção consciente dirigida para o que ouve, mas na qual aquilo que vê influencia a audição, orientando-a para certos pormenores da mensagem sonora em detrimento de outros, não ‘reforçados’ pela visão, ou fazendo com que ouça o som do ponto de onde o mesmo lhe chega acusticamente.

As sonoridades evocadas na feira caracterizam um modo de viver em um espaço destinado para este fim. Sansot (apud Vedana, 2004, p. 64) afirma que “[...] a vida das ruas é introduzida a partir desta linguagem de enunciação que a caracteriza, na voz dos vendedores que marcam um compasso com a temporalidade no anúncio de suas frutas”, bem como de outros produtos.

Também Bakhtin (1987, p. 132) narra que

os elementos da linguagem popular, tais como os juramentos, as grosserias, perfeitamente legalizadas na praça pública, infiltravam-se facilmente em todos os gêneros festivos que gravitavam em torno dela (até no drama religioso). A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de ‘exterritorialidade’ no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. Claro, esses aspectos só se revelavam inteiramente nos dias de festa. Os períodos de feira, que coincidiam com estes últimos e duravam habitualmente muito tempo, tinham importância especial.

Nesse sentido as performances e os gestos ocorridos em dias de feira são maneiras importantes de comunicação e contribuição na manutenção dessa forma singular de vender.

As relações que se iniciam a partir da compra de determinado produto ultrapassam à medida que o feirante trata o seu freguês de maneira mais cordial, quando dar-se a liberdade de ultrapassar a frente da barraca, quando escolhe e separa o melhor produto, isso cria uma cumplicidade e torna o então simples freguês em “fregueses fieis” e amigos.



Figura 6 e 7: Imagem da Feira- livre de Jacobina
Fonte: Arquivo Pessoal., Abril de 2015.

Na feira todo mundo é amigo, o freguês conhece o feirante pelo nome e vice-versa. A relação de cordialidade entre ambos permite a troca de mercadorias se lhe pareceu ruim, como também a reclamação é feita de forma descontraída, pode se “comprar fiado”, pois a certeza da quitação das compras é garantida.

A feira-livre é reconhecida como lugar de percepções, sentidos e interações, os sujeitos sociais que configuram a feira-livre constroem uma conexão entre sujeito-sujeito e com o meio, como dito anteriormente a Geografia Humanista embasada na fenomenologia explica essa relação, pois pensar o sujeito separado do lugar cria

brechas para entender o meio e as relações ali estabelecidas sendo puramente técnica.

3. FEIRA-LIVRE: LUGAR DO VIVIDO, LUGAR DAS RELAÇÕES

O objetivo deste capítulo é compreender as relações sociais estabelecidas entre os diferentes sujeitos que costumam frequentar a feira-livre da cidade de Jacobina - BA, sob uma perspectiva geográfica humanista. Isso foi possível graças a pesquisa de campo, desenvolvida, sobretudo, a partir do diálogo com alguns feirantes estabelecidos nos dias de maior movimento da feira.

A feira-livre para nós é um ambiente familiarizado, pois nosso contato com a mesma é relativamente antigo. Através de nossa experiência com a feira enquanto feirantes tivemos o privilégio de conhecer a fundo esse lugar visto sobre outra ótica.

Minha família (Danuzia) tinha uma padaria e a venda de pães, biscoitos se expandiu, não ficando apenas na própria padaria ela foi para feira-livre de Jacobina. Desde que minha família veio para Jacobina tivemos o comercio de venda de pães, minha mãe sempre vendeu os mesmos na feira, mas devido eu está estudando ou fazendo curso raramente ia à feira, contudo devido ao aumento da demanda foi necessário que minha mãe permanecesse na padaria, e com isso a substitui nos dias de sábados. O meu contato como feirante aconteceu em novembro de 2009 e foi até o ano de 2011, ano esse que tive que sair da feira, pois tinha aulas aos sábados na faculdade.

Lembro-me que no primeiro instante a primeira coisa que os fregueses perguntavam era “onde está tua mãe? Ela ta doente?”. Percebi de imediato a preocupação e a consideração que aqueles fregueses tinham com minha mãe. Ao passar dos sábados esses mesmos fregueses e novos começaram a me ver como uma amiga e a terem a mesma consideração que tinham pela minha mãe, pois passávamos minutos conversando, sobre os acontecimentos que aconteceu durante a semana, o porquê não vieram no sábado anterior entre outros assuntos.

No decorrer da minha experiência na feira estabeleci uma relação com o freguês que foi muito além do mercantil, e hoje ao me deslocar até a feira de

Jacobina me deparo com meus antigos fregueses e ainda mantemos uma relação que fora construída a anos atrás.

Enquanto que eu (Naiane) apreciava a feira de minha cidade (Várzea do Poço) onde meus tios tinham uma barraca que vendiam farinha, então durante algumas semanas eu aparecia para ajudá-los na venda da mercadoria. Aprendi a valorizar aquele lugar, pois éramos mais que feirantes, tínhamos uma relação de amizade com aqueles que passavam na barraca.

3.1. E aí “Cumade” e “Cumpade”!

“É dia de feira quarta-feira, sexta- feira não importa a feira. É dia de feira quem quiser pode chegar” (O RAPPÁ, 2001) É o dia da compra, o dia da “muvuca”, é dia da feira! As pessoas começam a circular assim que amanhece o dia, umas com roupas da caminhada matinal, ou com os “bobs” nos cabelos, outras com os salto alto, ou com os chinelos de dedo, o movimento começa e a correria também, isso porque tem que ir trabalhar, ou por simplesmente para ter a opção de escolher as melhores mercadorias apresentadas no início da feira. São mulheres com seus esposos, trio de amigas, uma mãe e sua criança, jovens, ou mesmo pessoas mais idosas que costumam ir à feira levando o seu “bocapiu”. Logo, tem-se o cheiro, os sons, os movimentos que marca, o início da feira-livre.

A correria começa, e as paradas das pessoas nas barracas também. Percebemos que o intervalo de algumas era mais prolongado, outras nem tanto. Observamos que há uma predominância de emprego familiar, fato característico do circuito inferior, isso porque os pequenos comerciantes não conseguem cumprir as normas regulamentares empresariais e trabalhistas, fazendo com que empreguem pessoas da família.

No boxe de carne, chegamos devagar sem querer atrapalhar. Como quem não quer nada, a feirante logo nos olha e pergunta: “e ai freguesas vão levar o que, carne de porco ou de sol?”. Explicamos o que estávamos fazendo e ela toda alegre e sorridente diz “estou ficando famosa, até “entrevista” vou dá pra faculdade, é mole?!” Feirante há 42 anos, ela que vende carne desde os 13 anos é formada em magistério e enfermagem, mas preferiu continuar na feira vendendo carne, pois para ela era a profissão herdada do pai, é algo familiar:

A feira hoje pra mim..., pra mim hoje como foi há 42 anos atrás tá nota dez! É aqui onde eu tenho herança do meu pai, é como eu lhe falei de pai pra filho, meus filhos, tenho dois filhos foi onde tive criei todos, graças a Deus. Se eles não quiseram seguir minha profissão, é porque não quiseram, mas tão bem, estudaram bem entendeu? [...]a feira-livre é o lugar de tudo até pra melhorar dos estresse que hoje é a doença da moda (estresse e depressão). Venha pra feira-livre que aqui é o lugar certo. A feira é propícia de amizade é, é cuma é que diz a gente, é o lugar que quem tem depressão estresse libera tudo isso, porque aí é o seguinte: feira-livre de Jacobina principalmente de Jacobina você faz amizade, você come churrasquinho, você toma cervejinha, você atende o freguês e conhece pessoas novas, tem gente de fora que chega aqui, a gente faz uma amizade, entendeu? (Feirante A, em 16/01/2016)

Sáimos percorrendo os corredores formados pelas barracas, uma atmosfera cheia de movimentos, sonoridade, com as bancas coloridas pela diversidade das verduras e dos legumes. Em consonância com o circuito inferior, a comercialização das hortaliças é feita pelos próprios agricultores/feirantes que as vendem sem a interferência de intermediários.

Embora haja distinções significativas entre os dois circuitos, suas atividades convivem e se influenciam mutuamente. A feira-livre – característica de atividade situada no “circuito inferior” – escoia produtos oferecidos por um grande centro produtor (Juazeiro) e tem como fregueses pessoas dos estratos sociais médios e altos. Além disso, observa-se que os supermercados buscam reproduzir a estética da feira-livre e, em alguns casos, também o atendimento personalizado, característico da feira -livre.

Seguimos e resolvemos parar dessa vez na barraca de doce. Percebemos a relação de amizade e de aproximação entre as feirantes B e C que estavam conversando animadamente. Quando nos viu, uma delas ofereceu um pedaço de doce para “beliscar”. No meio do diálogo as mesmas disseram: “aqui a gente interage com muita gente. A maioria se tornam amigos mesmo, divide problemas conta as novidades da semana, né Aninha?” A freguesa, que acabara de chegar, em concordância diz “sim” em risos. “A gente acaba compartilhando sobre a vida familiar, saúde, às vezes até a gente fica agoniado pra chegar o próximo sábado para se encontrar, né? É dividir a vida da gente” (Feirante B, 16/01/2016). A freguesa que faz compra regularmente com elas há cerca de 3 anos relata em concordância: “É que assim não é só uma questão financeira, sabe? A gente acaba realmente assim tendo afinidade, entendeu? Entre o cliente e a pessoa que vende

sabe, a gente tem uma amizade forte, não é só negociar não, é ter amizade também”.

O manejo dos alimentos, a circulação de pessoas, os gestos dos sujeitos que fazem a feira, prefiguram um ciclo com verdadeira riqueza de interação. A feira apresenta-se como lugar de produção do cotidiano, das vivências ancoradas na maneira de interação dos indivíduos que compõem este cenário, transformando-o em um ambiente de fazeres e dizeres.



Figura 08 e 09 : Feira- Livre de Jacobina
Fonte: Arquivo Pessoal, maio de 2015.

Um empurra dali, um empurra de lá, um com licença aqui e assim seguimos nossa trajetória na feira-livre, atentas aos pequenos atos do cotidiano que a fazem.

Enquanto arrumávamos a câmera fotográfica, em frente a nós acontecia um diálogo entre um feirante e duas freguesas na barraca de artesanato. Quando chegamos mais perto, a feirante estava falando com a freguesa que não estava reconhecendo a mesma no *watsapp*: “aquela foto bem apagadinha e eu olhando, olhando e nem não sabia quem era”. Nos aproximamos mais e perguntamos se podíamos ter uma conversa sobre a feira e gravar aquele diálogo com elas. Em risos, elas de imediato concordaram. No decorrer da conversa, perguntamos sobre a relação da feirante com sua freguesa. A feirante diz: “minhas amigonas” e freguesa H em concordância: “nós somos amigas desde desse tamanho” faz o indicativo de grande com os braços, e continua: “compro aqui, já levei coisa daqui pra São Paulo. Morei 40 anos em São Paulo, colher de pau, esteira tudo eu levava”. A outra

freguesa, sobre a sua relação com a feirante declara “de mãe pra filha, não encontro no dicionário uma palavra que eu possa dá qualidade pra ela, maravilhosa”.

Perguntamos para a mesma qual era o sentido da feira para elas, a feirante logo declara: “aqui já chama feira-livre, porque é tá livre, você tá livre”, “livre em tudo” e completa “você pode pechinchar, quanto é isso 10 reais? Você não faz nove? Faço menos quando é amigo dou até de graça. A freguesa completa: “eu mesmo ganhei várias coisas aqui”. A feirante então completa: “aqui eu encontro minhas amigas, é aqui que eu tenho aquela alegria com um, com outro abraço, abraço um abraço outro se tô triste em casa, chego aqui eu me alegro, porque aqui eu me sinto muito bem aqui na feira-livre”. Num diálogo fluente a freguesa completa: “É verdade, as vezes os amigos não têm tempo de ir lá na casa sempre, porque todo mundo trabalha, a se encontra aqui, se abraça, se beija, é maravilha, gostoso”.

A feira-livre é o palco do “povo”, cuja simplicidade manifesta em algumas bancas, nas próprias pessoas, nos seus pequenos gestos e largos sorrisos, ela também está presente nos agradecimentos refletidos nos rostos daqueles que fazem, experienciam e vivem a feira-livre.



Figura 10 e 11: Centro de Abastecimento, Feira- Livre de Jacobina
Fonte: Arquivo Pessoal, maio de 2016.

Agradável, alegre, colorida, burburinho de gente, que fala, canta, pega, larga, compra e segue em passos lentos sempre olhando. Isso é a feira que levanta o astral que faz amizade e sorri. (LEITE, A feira- livre. [s.d])

As relações presentes na feira são perceptíveis na maneira que os feirantes e fregueses se cumprimentam, se comunicam. Isso tudo gera um ambiente de amizade, de confiabilidade. Percorremos mais algumas barracas, e paramos na

banca de feijão que estava ao lado de produtos de limpeza. Ela nos chamou à atenção porque suas respectivas “donas” estavam trocando a mercadoria entre elas. São vizinhas de barracas que criaram uma relação de amizade: “tem oito anos que tu compra na minha mão” afirma feirante J para a feirante L, referindo-se a troca, “compra mútua” Perguntamos qual o sentido da feira para as mesmas e sobre a relação presente na feira: “aqui na feira você tem mais aproximação, tem mais tempo, no supermercado não, você entra se sai não tem vínculo nenhum. Aqui você passa uma amizade já, além de cliente tem aquela amizade” afirma a feirante L. Em concordância, a feirante J (12/02/2016) declara:

A feira é um lugar de amizade com certeza. A gente convive assim com o pessoal e as vezes só vem na barraca só mesmo bater papo, cumé!? esperar outra amiga que vêm, então é um ciclo de amizade que a gente cria e sente falta. Quando fulana não vem diz? Por que fulana não veio hoje? Inclusive, tive esses dias afastada da feira, aí o pessoal ficou só procurando: cadê Dona. Lúcia, cadê Dona Lúcia? O que é que ela tem?

Em outro momento, avistamos outra feirante de verdura que trabalha há 28 anos na feira de Jacobina e que afirma não trocar a feira por nenhum outro lugar:

A feira é minha roça, meu trabalho, e que no caso meus fregueses chega aqui igual uma família. Eles chegam aqui e se tem algum problema eu paro meu trabalho e eu vou ouvir a conversa dele, aconselhar. Se eu tô precisando de algum também, tem muitos aqui que passo meus problemas pra eles. Então eu acho coisa muito bonita e no mercado você não tem isso. Muitas vezes você pega aquela mercadoria compra ali eles não lhe dá importância nem de falar com você nem um bom dia, aqui não é totalmente diferente na brincadeira, na paz (Feirante F em 12/02/2016).

Nesses relatos até então mencionados, os feirantes e fregueses falam sobre as relações existentes no lugar e que não se compara com outro, contudo alguns ao perguntar sobre a feira relataram o seguinte sobre o sentido da feira para eles: “Ah a feira é a importância é grande, e boa né? É onde a gente arruma o dinheirinho pra sobreviver, a gente vende beiju e dos dinheiros do beiju sai e compra o necessário pra gente, né?!” (Feirante D. Barraca de Beiju em 27/02/2016). “Ah! Feira tem importância porque é de onde eu tiro sustento e tudo mais” (feirante E. Barraca de Feijão 2 em 27/02/2016). “É importante eu dependo da minha freguesia, eu dependo da minha freguesia, né? Eu, eu vivo disso” (Entrevistado O- Barraca de doces em

27/02/2016). “Pra mim é bom eu ganho meu dinheirinho” (Feirante P- Barraca de Acarajé em 27/02/2016).

Ao depararmos com esses relatos percebemos que a feira-livre é apresentada com um significado mais econômico, uma vez que é a partir da mesma que os sujeitos tanto os que vendem como os que compram a veem como fonte de sobrevivência, mas ao decorrer dos diálogos a feira para esses sujeitos era algo mais que o fator financeiro, vejamos: “Ah! Tem os amigos também mar há muitos aqui (amigos fregueses) é brincando que a gente conversa (risos), solta piada um pro outro” (Entrevistado D - Feirante Barraca de Beiju em 27/02/2016). “Por isso que eu falo que amizade atrai amizade, a feira livre já diz tudo e livre coisa mais popular” (feirante E - Barraca de Feijão 2 em 27/02/2016). “É propício de amizade né?!, tanto vende como arruma amizade, os fregueses passa a ser amigo da gente” (Feirante O- Barraca de doces em 27/02/2016). “Mais também é divertimento, é divertido, tem amizade conhecimento” (Entrevistado P- Barraca de Acarajé em 27/02/2016).

Assim a feira-livre apesar de ter sua importância econômica para aqueles que a frequentam, também é o lugar da aproximação, onde se constroem amizades, o lugar da descontração. É o que nos afirma a feirante (Q - Barraca de Raízes em 04/03/2016), que trabalha na feira há 6 anos. Trata-se de uma senhora alegre, muito simpática que vende uma diversidade de produtos tais como mel, leite de mangaba, xarope pra tosse, remédio para sinusite. Para ela a feira é:

Aqui eu tô aqui tô trabalhando, tô me divertino né? Em casa, se eu tivesse em casa tava fazendo um trabalho de casa, mais acaba o trabalho de casa e você fica pensano coisa que não deve e aqui tô me divertino, tô ganhando meu real, não é?”

Entre uma caminhada e outra vimos também um senhor conversando com uma moça (vizinhos de barraca). Resolvemos conversar com eles por serem muito descontraídos e falarem afoitamente. Para eles a feira “é um motivo de alegria, que não fico presa dentro de casa, têm muitos amigos que vem todo sábado se ver. Todo sábado é a merma alegria merma amizade” declara a feirante M - (05/03/2016) em concordância o feirante N, que vende bebidas alcoólicas que segundo ele “é pra esquecer os problemas, pois) aqui [na feira] é um divertimento. Quando não me ver

na feira tô doente. [...] aqui eu converso, proso, resenho né?! Amigo a gente resenha mesmo”.

Prosseguimos com as conversas nos deleitando com os sujeitos conversantes, que em seus diálogos transmitiam a satisfação de fazerem parte da feira. Encontramos então a feirante R – (Barraca de frutas e verduras em 04/03/2016), que em sua simplicidade apresentou a feira como manifestação da diversidade: “nem só venda é alegria, porque como a gente vê várias pessoas diferentes, num tá aquela rotina de todo dia, sempre diferente”. A alegria faz parte da rotina da feira entre aqueles que participam e a tornam um lugar ímpar.

Em nossas conversas percebemos a maneira como cada feirante se identifica com aquele lugar, seu cotidiano não é o mesmo se não estiverem na feira. Entendemos também que “fazer” feira para os fregueses é compartilhar momentos de alegria e dividir momentos tristes. Verificamos isso nas conversas seguintes: “Toda vida eu trabalho, larguei a profissão, aqui você tá conversando com os amigos, você tá trabalhando na sombra, você tá tranquilo né, sossegado, vem um nós conversa, vem outro nós conversa” (Feirante S - Barraca de Verduras em 04/03/2016).

Eu gosto, eu gosto mais daqui porque, sei lá é a gente conversa e ri as vezes, sabe? Faz uma piadinha de uma brincadeira das frutas mesmo, encontra os amigos as vezes e aí um fala uma coisa, outro fala outra, as vezes tá triste, mas chega aqui dá uma palavra, aí num instante anima, abre o riso, termina saindo alegre (Feirante T - Barraca de Frutas e Verduras).

A feira representa essa cumplicidade entre os sujeitos, esse envolver naturalmente com o outro de maneira descontraída e dinâmica. A sensação de liberdade também é expressa nas conversas que presenciamos:

Pra mim representa assim alegria, paz, representa viver melhor, eu acho né? Meu estilo de vida... Eu gostei da feira e num me vejo eu dentro de uma casa fazendo nada. só. Na feira aqui pra mim é muito mais melhor do que num lugar fechado, eu trabalho numa feira livre vejo os morro, as montanha, vejo as árvores e numa casa só vejo as parede e as coisas. Pra mim é um equilíbrio de vida a feira, sabe assim? Tira qualquer depressivo da crise (Entrevistado U - Barraca de Frutas e Verduras em 04/03/2016).

Feira-livre é um lugar, uma maneira de se comunicar, um jeito único de se expressar, de construir e fortalecer amizades, particularidades, tudo isso demonstra a singularidade existente na feira que a torna o lugar do vivido.

3.2. Feira-livre em Jacobina enquanto lugar do Vivido.

A feira é o lugar das múltiplas vivências, contemplando o sujeito nas diversas interações do cotidiano, imprimindo em seu dia a dia as diferentes trocas de saberes e dizeres, contribuindo para a construção de significados ímpares. Nesse sentido o que vem a ser lugar?

Ao se pensar em conceito de lugar nos deparamos corriqueiramente com distintos significados atribuído ao mesmo, tornando assim uma difícil missão de conceder a ele uma única significação. Relph (2012) em seus estudos já demonstrou tal situação “lugar é uma palavra usada comumente na linguagem cotidiana, mas se trata de um conceito evasivo”. Tal fato é perceptível ao depararmos com o dicionário, onde o lugar é apresentado com diversos significados sendo eles:

1 - Qualquer espaço. 2 Espaço que pode ser ocupado por algo ou alguém ; 3 - Um espaço para sentar, pré definido ; 4 - Espaço definido como destinado a alguma coisa ou alguém; 5 - Posição numa classificação ; 6 – Emprego; 7 - Indefinidas cidades, regiões ou países; 8 – Ambiente 9 – Posição; 10 - Causar, provocar ; 11 – Posto; 12 - Espaço apropriado para alguma coisa; 13 - Categoria em que faz parte, posição que ocupa ou representa; 14 - Permitir ou negar emoções; 15 - Certo ponto de um filme, de uma leitura ou narrativa; 16 - Rumo, destino; 17 – Vizinhança (Aurélio, Dicionário online.)

Percebe-se assim que muitas definições encontradas no dicionário correlacionam lugar com o espaço, posição, localidade, emoção, destino entre outras. Tal realidade indica uma banalização de sentido devido sua complexidade conceitual, isso porque, diversos autores discutem sob perspectivas diferentes.

O lugar é hoje considerado um dos conceitos fundamentais na Geografia. No entanto até a década de 1970 era desvalorizado. Como Holzer (2012, p. 281) pontua, o “lugar” era marginalizado “associado ao conceito de locação, relativo à localização de um determinado ponto no espaço (do mapa)”. Esse quadro foi comum na Geografia Tradicional onde o “lugar” tinha uma concepção muito mais de local,

ponto ou posicionamento, contudo nada muito aprofundado. Esse panorama de desprestígio sobre o conceito de lugar muda com as chamadas geografias Humanista e Crítica. Na abordagem humanista lugar ganha importância e valorização, pois busca compreender a relação espaço- homem -sentimento, é o que Christofolletti (1982, p. 22) destaca lugar como “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”, nesse sentido o lugar na abordagem humanista traz consigo aspectos distintos focado no humano, ou seja, as significações, valores, metas e propósitos, pois na geografia humanista sua grande preocupação era trazer tudo que está relacionado ao humano e como estas atribuições são manifestadas no espaço, tornando-o um espaço de significado. Desde modo o lugar “desde o início da geografia humanista, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica” (Oliveira, 2012 p.15).

Já na Geografia Crítica, o lugar passa a ser visto como palco das vivências do cotidiano, onde as relações pessoais ganham particularidades e o local demonstra sua força frente às imposições do mundo globalizado. Autores como Carlos (2007) e Santos (2005, 2006) são alguns representantes que abordam o lugar nessa perspectiva.

Para Carlos (2007), o lugar apresenta uma dimensão histórica construída a partir de suas singularidades e também através do que exteriormente é trazido como imposição dos processos mundiais.

De acordo com a referida autora, o lugar seria um ponto de articulação:

Isto é, o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo *o lugar* se apresentaria como *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (CARLOS, 2007, p. 14).

Essa citação ilustra que o lugar adquire sua própria especificidade face a contradição mundial, guardando em si seus significados, sentidos na corporeidade vivenciada no cotidiano, expressa nas relações entre os indivíduos que constroem e apropriam-se do espaço, movimentando a vida em suas múltiplas dimensões. Pensar o lugar é também compreender a realidade social dos indivíduos. Assim

afirma Carlos (2007, p. 20) “O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos”.

O lugar então precisa ser analisado também sob a ótica do social, visto que, as relações sociais inerentes a ele são vivenciadas amplamente e produzidas em seu contexto, trazendo com isso desafios ao mundo globalizado.

Em um mundo dito como tal, urge a compreensão do lugar, um conceito relevante por ser a manifestação do global e por devolver ao mundo tais manifestações. Para Santos (2006) “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”.

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder -se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. (SANTOS, 2006, p. 218).

A oposição entre o local e o global evidencia as nuances das discussões entre ambos, abrangendo o mundo em toda sua complexidade, criando assim as sobreposições dialéticas de lugar.

Santos (2005) diferencia e, ao mesmo tempo, faz uma relação entre o Lugar e o Mundo. Na visão deste autor, o mundo constitui-se num conjunto de possibilidades e o lugar como um conjunto de oportunidades que proporciona um caminho para entender a complexidade do real: “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 158).

Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente (SANTOS, 2005, p. 158).

Os acontecimentos decorrentes das mudanças percebidas no mundo também ocorrem nos lugares, é através destes que se pode compreender o mundo.

Essas rápidas abordagens sobre o que venha a ser o conceito de lugar são de vital importância, pois propicia compreender a feira como lugar, pois esta, contempla a dimensão subjetiva. Nessa perspectiva, o homem constrói referenciais afetivos com o lugar que são desenvolvidos ao longo da vida a partir da convivência. Assim, a feira se apresenta como um conjunto de sensações emotivas, um lugar onde os sujeitos trocam experiências vivenciadas no dia a dia.

É através da produção de Tuan que o lugar agrega a experiência vivida dos sujeitos como forma de configuração da realidade. O autor considera que o lugar é criado pelos seres humanos para propósitos humanos. Ou seja, a identidade e significado do lugar são configurados através da intenção humana e da relação com o cenário físico e atividades ali desenvolvidas. Portanto, a feira-livre é caracterizada por essa associação entre a intencionalidade dos sujeitos com as ações promovidas no ambiente físico.

Dessa forma, Tuan (1983) afirma que o lugar pode adquirir profundo significado emocional para os sujeitos na medida em que eles se relacionam. O lugar é resultado da experiência humana, e na feira esse experimento é vislumbrado através das relações entre as pessoas que a frequentam, externada pelas conversas e movimentos. A experiência para Tuan (1983) implica na estratégia de aprendizagem a partir da relação direta e íntima da vida de modo a atuar e criar; sendo que neste atuar envolvem-se o pensamento e o sentimento como elementos de sua modificação e inserção no mundo.

A feira de Jacobina é um espaço público destinado a compra e venda de produtos, mas, além disso, a mesma tem uma configuração social única que são feitas por aqueles que frequentam e a fazem, nesse sentido a feira em questão passa a ser um lugar que mescla os sons, aromas, significados que os sujeitos ao se organizarem, o transforma tornando um lugar dinâmico e familiarizado, a feira nessa perspectiva deixa de ser um espaço e passa a ser um lugar. Tuan (1983, p. 203) apresenta o lugar como “mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...). Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos.” Para o autor o lugar adquire um papel de identidade,

familiaridade que o homem atribui à determinada porção do espaço que o torna significativo para si.

O lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado." (TUAN, 1979,p. 387)

A feira-livre de Jacobina como seu nome bem remete há algo livre (conforme também constatou-se nas falas dos feirantes), a forma de se vender, de comprar e se relacionar é diferente, sem formalidade, contribuindo assim na construção de relações afetivas tanto com o sujeito quanto com o lugar. Mas essa afetividade com o lugar leva-se tempo. Para Tuan (1983) valorizar um lugar e torná-lo importante leva-se tempo, por isso tempo e lugar estão relacionados, pois “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar”

Conhecer um lugar [...] certamente leva tempo. É um tipo de conhecimento subconsciente. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais ai consideramos conhecido. Com o tempo uma nova casa deixa de chamar nossa atenção; torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelo. (TUAN, 1983, p.203)

Desse modo a afetividade com o lugar se dá a partir do momento que o mesmo passa a fazer parte do cotidiano do sujeito, ao ir à feira-livre comprar determinada produto o que antes era algo puramente técnico e automático, com o cotidiano passa a ser algo familiarizado, os sujeitos circulam na mesma de forma muito à vontade e descontraída, conforme apresentamos na seção anterior.

O lugar é a base dos acontecimentos diários onde os indivíduos atribuem aos mesmos significados únicos e particulares a partir das experiências vivenciadas.

É nesse contexto que a feira-livre de Jacobina está inserida, sendo caracterizada como lugar, a partir do acontecer diário, das particularidades dos sujeitos participantes, isto é, das experiências intersubjetivas dos indivíduos. Para compreender a feira enquanto lugar é primordial compreender a diferença de lugares e lugar.

A distinção entre *lugar* e *lugares* é fundamental. Geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. (RELPH, 2012, p.22).

Assim, o lugar é o ponto de partida para a compreensão da relação do homem com o mundo, entendendo que nesse relacionamento as particularidades advêm da interação com o lugar. Dessa forma a feira de Jacobina nos faz pensar no lugar, como expressão geográfica da singularidade, caracterizada pelas ações rotineiras, do fazer e da criatividade em um processo de trabalho ímpar.

A feira-livre investigada configura-se como lugar do encontro, do reencontro, lugar de conversa... “O dia da feira é, portanto, a ocasião para atualizar as conversas para discutir política, comprar, vender, enfim é o dia do movimento na cidade”. (CARDOSO; MAIA, 2007, p.528).

Nesse sentido a feira se caracteriza como lugar de reunião, pois Relph (2012, p.22) apresenta *Lugar como reunião* aquele que “reúne” ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata. Ainda para o autor “qualquer parte sem nome que não reúna não é um lugar”. É na feira-livre que os sujeitos que a frequentam vivem fortemente as relações sociais a partir da reunião que a mesma propicia, desse modo ao se relacionarem uns com os outros são construídas relações identitárias e até mesmo de pertencimento.

Ainda sob a ótica do Relph (2012, p. 24) lugar, – também tem sentido de raízes, “lugar é muitas vezes entendido como o onde se tem nossas raízes, o que sugere uma profunda associação e pertencimento”. O lugar seria, então, o centro de valores indispensáveis para a nossa identidade, pois criam os vínculos que guardam o sentimento de pertencer, o que nos leva a imaginar a importância da feira e como seria cada cidade sem este ícone da história local e de sentimento de pertencimento. A feira cria este vínculo de pertencimento entre os sujeitos participantes na medida em que cada um se sente parte daquele lugar e se identifica com o mesmo.

A feira seria o lugar do vivido, onde se estrutura a relação do eu com o outro, a construção da nossa história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos, sendo este mundo permeado de valores, de significados e de experiências

personais. O lugar, então, possibilita explicar a construção do mundo, já que o mesmo é visto como o cenário da vida, marcado pelas vivências e percepções.

Para Buttimer (1982), o lugar é compreendido pelo diálogo estabelecido entre o homem e seu meio, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação. É na feira-livre que constatamos as ações entre os indivíduos frequentadores, por meio de diálogos e movimentos, afirmando ser este o lugar da interação entre os sujeitos e o ambiente que frequentam.

Compreender a feira enquanto lugar do vivido é entender esta como um fator relevante das experiências pessoais vividas, é a intensa relação do sujeito nas dimensões culturais, políticas e sociais, é o centro dos diversos significados criando uma identidade cultural, que para Buttimer (1982) está intrinsecamente relacionada à identidade com o lugar. Portanto, a feira apresenta-se como o mundo do vivido, da socialização das vivências entre os participantes e seu mundo.

O lugar do vivido se configura algo intersubjetivo,

[...] a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais (BUTTIMER, 1982, p. 182).

Nesse sentido a feira-livre de Jacobina enquanto lugar do vivido se dá devido às interações que ali ocorrem face a face, pois o lugar propicia o vínculo, logo o lugar não se explica, se vivencia.

Nas abordagens sobre o lugar é notável uma correlação, pois as mesmas apesar de apresentarem alguns pontos distintos são similares em seu sentido, pois destacam o lugar ligado ao sentimento de pertencimento, enraizamento, conectividade e familiaridade que indivíduo ou grupos atribuem a determinado "local", ou seja, tudo que envolve as emoções humanas. A feira se configura como lugar, pois é nela que concretizam as relações sociais e a afetividade de um espaço tornando-o lugar, pois é possível ser sentida, apreciada, ou seja, vivenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desse trabalho nos empenhamos em potencializar uma abordagem acerca da feira-livre de Jacobina-Ba, a partir de uma perspectiva humanista dos sujeitos sociais – feirantes e fregueses – que fazem, semanalmente, a feira. Identificamos os saberes e fazeres evidenciados nesse lugar que contribuem para a valorização desse ambiente ímpar.

Compreender, dentro de um olhar a importância da feira, nos pareceu um desafio, visto que a mesma sempre foi enfatizada no aspecto econômico. Assim, a feira vista e compreendida sob um olhar meramente comercial deixaria a desejar ante toda sua riqueza sociocultural.

Considerando todo o contexto em que a feira está inserida, tomamos como ponto de partida a trajetória da mesma, apontando sua relevância em diferentes momentos da História, discorrendo também sobre a cidade de Jacobina e as ações que desencadearam o surgimento da feira neste município, pois a feira-livre de Jacobina-BA surgiu a partir da comercialização da carne bovina e foi importante para o abastecimento de produtos de necessidades primárias para aqueles que tinham uma renda menor.

Durante sua trajetória a feira a princípio era locada no centro da cidade, mas por intervenção pública fora transferida para um local mais distante, pois segundo o gestor da época a feira gerava uma série de transtornos pela falta de higienização, organização. O que ficou claro é que a transferência da feira foi devido ao projeto de desenvolvimento feito pelo poder público que idealizava uma cidade “mais bonita”, ou seja, a feira era concebida como o “feio”, o “sujo”. Nesse sentido os feirantes da época, em sua maioria, não ficaram satisfeitos, uma vez já que foram obrigados a ir para uma área distante.

A transferência da feira apesar de ter causado um constrangimento para aqueles que a faziam, teve o lado bom do povoamento do Bairro do Peru até então pouco valorizado, e também graças a mesma, alguns pequenos estabelecimentos comerciais surgiram em seu entorno.

Destacamos, os olhares da feira, o primeiro econômico com uma interpelação de circuito superior e inferior de Santos (2004), e posteriormente o olhar humanista,

dando uma nova compreensão da feira, justificando a empiria apresentada em nosso trabalho. Nesse sentido percebemos o quão comum achamos trabalhos que remetem a feira uma questão econômica, sua dinâmica de compra e venda, da sua importância na comercialização de diversos produtos, que provoca dinamicidade na cidade, atraindo pessoas de diferentes localidades e que apesar de concorrerem com outros centros, a feira permanece e intensifica o comércio de pequenas localidades.

Contudo a feira vai, além disso, pois, estar na feira significa mais do que comercializar, é fazer amizades, compartilhar momentos tristes e alegres, desfrutar de uma boa conversa entre compadres, é sentir a sensação de liberdade, pois o acontecer da feira é ao ar livre. Diante disso entendemos que o ato de fazer a feira ultrapassa a lógica mercantil e engloba as emoções e sensações dos sujeitos participantes.

Tratar da feira-livre focando o olhar para as relações de amizade presentes em tudo aquilo que nela é comercializado, significa uma prazerosa maneira de vivenciar o cotidiano daqueles que com suas diferentes formas de comprar/vender transforma aquele local em lugar de sociabilidade.

Diante disso o envolvimento com nossa cotidianidade também foi oportunizada mediante a realização desse estudo, pois nesse processo nos encontramos em meio as conversas e prestigiamos as manifestações socioculturais dos sujeitos locais, através dos seus gestos e sons que intensificam o fortalecimento da feira.

A feira-livre de Jacobina- BA apresenta uma diversidade de produtos para a venda, como produtos artesanais, raízes, roupas, verduras e legumes, e é também o lugar onde encontramos uma diversidade de pessoas que transformam o lugar e criam relações de amizade.

Para muitos feirantes e fregueses a feira de Jacobina é o lugar do encontro com os amigos, é onde os indivíduos aproveitam para conversar, “matar saudades”, saber das novidades. Ela é o lugar onde a distração é garantida e doenças como estresse são amenizadas. Isso foi percebível através dos diálogos com os sujeitos que fazem a feira- livre em Jacobina-BA. Neste percurso, estabelecemos relações

com o conceito/categoria Lugar, entendendo que a feira se caracteriza como o mesmo, pois as vivências ali experimentadas revelam esta como o lugar do vivido.

As vozes dos sujeitos conversantes denunciam a satisfação de fazerem parte daquele lugar, interagindo com o outro e com o meio, protagonizando um espetáculo de sons e movimentos.

Diante disso o presente trabalho buscou uma visão mais humanista para feira e assim tentou compreender como as relações entre os sujeitos que aqui perpassam e como eles estabelecem uma relação tanto uns com os outros como com o lugar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.

ARAÚJO, Giovanna de A. F. (2012). **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007).** Tese de Douramento em História Contemporânea (Universidade do Minho -UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal.

ASSIS, Flávio. **Feira-livre.** Músicas autorais, gravadora independente 2012. 2 CD . Disponível também em <https://flavioassis.bandcamp.com/album/feira-livre>. Acessado em 31 de março de 2016.

AURÉLIO, Dicionário de Língua Portuguesa Online. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/lugar>. Acessado em 15 de janeiro de 2016.

BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade In: BOUDON, R. **Tratado de sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987

Bíblia de Estudo Plenitude para Jovens. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008

BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas.** São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de hábitos e campo In: **O poder do Símbolo.** Rio de Janeiro, DIFEL, 1989.

BUTTIMER, Anna. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982.

CARDOSO, C. A. de A; MAIA, D. S. **Das feiras às festas: as cidades médias do interior do nordeste.** In: SPÓSITO, M. E. B. *Cidades Médias: espaços em transição.* SP: Expressão Popular, 2007. p. 517-550.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007

CHION, Michel. **Músicas, media e tecnologias.** Coleção Biblioteca Básica de Ciências e Cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 1994

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **As perspectivas dos estudos geográficos.** In.: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1982. p. 11-36.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As características da nova geografia. In: Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1985, p.71-101.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 2ª ed. – São Paulo: Editora Ática, 1993.

COSTA, Afonso. “Minha Terra: Jacobina de antanho e de agora”. Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. v. 2. Salvador, Bahia: IGHB, 1918.p. 271

COSTA, Carmem Lúcia. **Cultura, Religiosidade e Comércio na cidade**: a Festa de nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás. Ana Fani Alessandri Carlos. –São Paulo, 2010. Tese (Doutorado Acadêmico em Geografia) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas – USP,2010.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, CE, ano 07, n.13, p. 87-101, jan./jun. 2008.

DARDEL, Eric. O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DOMINGUES, José Maurício. **Sociologia e modernidade**: para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

FARIAS, Sara Oliveira. **Ouro, Desenvolvimento e Morte: a mineração na cidade de Jacobina**. In: Nancy Rita Sento Sé de Assis; Felipe Santos Magalhães (Org.). Anais do I de Seminário Cultura, Memória e Sociedade, Santo Antonio de Jesus, 1 a 3 ago. 2006. Salvador: UNEB-EDUNEB. p. 40.

FERRETTI, Sergio. **Reeducando o Olhar: Estudo Sobre Feiras e Mercados**. São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS). 2000.

FILHO, Raphael Rodrigues Vieira. **Os Negros em Jacobina (Bahia) no Século XIX**. São Paulo: PUC-SP, 2006. p. 39-40. Tese [Doutorado em História Social]
FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
Governador inaugura obras em Jacobina. **Tribuna da Bahia**, Salvador, 22 set. 1981, p.3.

FREYRE, Ana Lucy Oliveira. **As formas Comerciais e o Espaço Urbano: o papel dos mercados no entendimento sobre transformações da cidade**. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana- Ciência e Utopia: por Geografia do Possível, 2011, Belo Horizonte- Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG,2011.

GOMES. Josildeth da Silva . **Povoamento da Chapada Diamantina**. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n. 77. Salvador, 1952. p. 224.

GURVITCH, Georges. **La vocation actuelle de la sociologie**. vol. 2, Paris: PUF, 1969

HOLZER, Werther (1992). **A Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Orientador: Maurício de Almeida Abreu. Rio de Janeiro UFRJIPPGG. 550p. Dissertação (Mestrado em Geografia).

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenologia. In: MARANDOLA, JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) In: Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012

HOUAISS, Dicionário da língua portuguesa. Disponível para assinantes UOL em. Acesso em: 15 de agosto de 2015.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

IBGE. Dados do município de Jacobina- BA, 2010. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291750>. Acessado em 04 de fevereiro de 2016.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LEITE, Didi. Poema: Feira-Livre [s.d]. Disponível em <http://didilleite.blogspot.com.br/2015/04/poesia-feira-livre.html>. Acessado em 15 de agosto de 2015

LOPEZ, Robert S.A. **Revolução Comercial da Idade Média 950-135**. Lisboa (Portugal) :Editora Presença, 1980.

MARCELINO, Maria da Conceição Rocha. Segredos do Acaso. A Letra em Revista, Jacobina- BA: Academia Jacobinense de Letras, p. 52-53, set. 2001.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M.C.S. **Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea**. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, V.2, n 4 agosto/2008 UFG/IESA p. 72-87, 2008.

MORAIS, Ione Rodrigues; Araújo Marcos Antônio de. Territorialidade e Sociabilidade na Feira- Livre de Coicó (RN). In. Caminhos de Geografia. V.7n7 (2006). Disponível em <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acessado em 15 de janeiro de 2016.

MORAES FILHO, Evaristo de. Introdução. Formalismo sociológico e a teoria do conflito. Em: Simmel 1983: 7-44.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande**. 1976. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade de Campinas/UNICAMP, Campinas.

Muda-se a feira ou se alterna o poder. **A Palavra**, Jacobina, 25 de Abr. 1981

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do Lugar. In: MARANDOLA, JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) In: Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012

PAZERA Jr., Eduardo. **A feira de Itabaiana, PB: Permanência e Mudança**. Tese 2001 14fl. (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo, São Paulo

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. 3ª Ed. Trad. port. Lisboa: Europa-América, 1973

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Configurações sócio-espacial e inserção das feiras livres de Itapetinga –BA e arredores no circuito inferior da economia**- Salvador, 2005. (Dissertação (Mestrado Acadêmico em geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociência – UFBA, 2005).

RAPPA, O. **A Feira**. WM Brasil, 2001. CD. Disponível também em <https://www.vagalume.com.br/o-rappa/a-feira.html>

RAU, Virginia. **Feiras medievais portuguesas**: subsídios para seu estudo. Lisboa: Editorial Presença, 1982

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, as pectos e essência do lugar. In: MARANDOLA, JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.) In: Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012

SANTOS, Milton. (2002), "O retorno do território", em Santos, M., M. A. de Souza, M. L. Silveira (orgs.), **Território: globalização e fragmentação**, ANPUR/ Hucitec/ Annablume, São Paulo, Brasil, pp. 15–20

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. 2. Reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

SANSOT, Pierre. *Poétique de la Ville*. Paris, Meridiens Klincksiek, 1998. In: VEDANA, Viiviane. **“Fazer a Feira”**: estudo etnográfico das “Artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científica**. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SINGER, Paul. Economia Solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. de (Orgs.). **A Economia Solidária no Brasil**: Autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, pp. 11-30, 2000.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.

TIMASHEFF, Nicholas. S. Teoria sociológica. Rio de Janeiro. Zahar editores, 1971

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983

VERDANA, Viviane. "Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VIRGENS, Silvia Catarina Araujo das. **Feira Livre de Jacobina, BA**: o processo de transferencia (1977-1985). 2008. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em História, Cultura Urbana e Memória) - Universidade do Estado da Bahia.

ANEXOS

ANEXO 1

ILM: SENHOR PREFEIRO DO MUNICÍPIO DE JACOBINA

Os infra-firmados, feirantes, abatedores e comerciantes de vários ramos com exercício no Mercado Municipal de Jacobina, vêm perante V. Exa. expressar o seu mais veemente protesto/ Quanto à mudança da feira semanal dos comerciantes do velho Mercado para o seu substituto, obra inaceitável que fere aos direitos mais legítimos que temos e que desejamos exercitá-los nesta hora grave porque os infra-firmados vêm passando o toda Jacobina.

Os comerciantes investiram uma economia no velho // mercado, edificando nele benfatorias tais como portas de ferro indispensáveis à segurança na área do mercado.

A mudança para outro prédio não oferece a mais eficaz segurança para o exercício do comércio.

Não existem portas, o mercado está aberto expondo as mercadorias que ali vão ser negociadas, os marchantes não vão poder salgar carnes pois os salgadeiras não foram construídas./ A complementação da obra pelos comerciantes além de ser injusta é inviável pois, a maioria não dispõe de recursos para tanto .

Diante dessa situação vexatória, os infra-firmados // protestam contra a mudança da feira, sem o esbamento do mercado novo, nem vão ali exercer suas atividades pois, não há condições para tanto, e irão à justiça para a defesa de seus direitos indiscutíveis ameaçados pelo ato do Sr. Prefeito de mudar a feira para o dia 12 de março do corrente ano.

Jacobina - Ba., 05 de fevereiro de 1982.

Heitor de Souza Gomes

Figura 12 - Abaixo assinado dos feirantes na ocasião da transferência da feira-livre
Fonte: Arquivo Público Municipal de Jacobina

ANEXO 2

Riza Maria Augusto Lima
 Daniel Saffina de Souza
 Antonio Vinicius da Silva
 Maria Alencar de Souza
 Gilmar Salinas de Souza
 Faltos Birkodottomas
 Antonio Berra
 Pedro Paulo
 Degenne Santo
 Juskei Santos
 Valdelice Ramalho
 Yoel dos Santos
 Luiz Wagner Vitor
 Manoel Pereira dos Santos
 Maria Bernadete Lima Silva
 Divaldo Augusto Santos
 Wilson Ferreira da Cruz
 Francisco Souza F. Cruz
 Antonio Luiz Bricosa
 Divaldo Augusto dos Santos
 Reginaldo dos Santos Magalhães
 Joaquim Silva da Silva
 Lamival da Silva
 Manoel Maria Pereira
 Luis Languet dos Santos
 Maria da Glória Lima

Figura 13 – Relação dos nomes do abaixo assinado
 Fonte: Arquivo Público Municipal de Jacobina

ANEXO 3

Governador inaugura obras em Jacobina

O governador Antônio Carlos Magalhães esteve ontem no município de Jacobina, inaugurando diversas obras, entre as quais a Cesta do Povo, o Centro de Abastecimento (obra municipal) e o Hotel Serra do Ouro, e assinando as ordens de serviço para o início de outras, entre as quais o término da construção da Estação Rodoviária de Jacobina, a construção da rede de distribuição de energia elétrica para os distritos de São José do Jacuípe e Varzea Nova, além da ordem de serviço para melhoramento e pavimentação progressiva do trecho de 27 km entre Laje do Batata e Ouro Branco.

Em seu discurso na Central de Abastecimento, acompanhado de diversas autoridades e lideranças políticas e saudado por uma grande multidão, o governador Antônio Carlos Magalhães assegurou que Jacobina merece muito mais obras, pois esta é uma terra de gente boa, dotada de grandes riquezas naturais que o seu povo tem que explorar. Afirmou também que não sabia como retribuir o afeto imenso que recebia e a emoção com que aquele povo lhe homenageava e assegurou que vai fazer por Jacobina tudo o que seu antecessor não fez.

O governador Antônio Carlos Magalhães chegou a Jacobina pouco depois das 17 horas acompanhado do presidente do Banco do Estado da Bahia, Clériston Andrade, dos secretários Manoel Castro e Hélio Correia, do deputado Rômulo Galvão. No aeroporto já o esperava uma grande multidão, composta pelos prefeitos de toda a região, por alunos das escolas estadual, municipal, Soror Joana Angélica e Colégio Comercial, pelo padre Alfredo Haasler, além do prefeito de Jacobina, Flávio Mesquita, dos deputados Manoel Novais (federal) e dos estaduais Gilberto Miranda e Miguel Abraão, pelo presidente da Coelba, Antônio Imbassahy e pelo presidente da Bahiatursa Paulo Gaudenzi.

Do aeroporto o governador seguiu para as instalações da Central de Abastecimento, onde, ao chegar, foi saudado pela banda da Polícia Militar e pelo Tiro de Guerra do Exército. Em seguida, descerrou a placa alusiva à inauguração. A Central de Abastecimento foi construída pela Prefeitura com a ajuda da Seplan, com recursos da ordem de Cr\$ 10 milhões. Ocupa uma área de 12 mil metros quadrados, é constituída de três galpões

— um para carnes e derivados, outro para o comércio de abastecimento e outro para cereais e frutas e vai abrigar a antiga feira que ficava no centro da cidade dificultando o tráfego e sem condições de ter melhoria sanitária.

No palanque, o primeiro a falar foi o prefeito Flávio Mesquita. Ele acentuou que Jacobina estava unida ombro a ombro para homenagear o seu governador — (numa homenagem sincera ao governador que tem derramado progresso, desenvolvimento e paz para o povo de Jacobina). Afirmou também que a administração municipal tem atendido às necessidades, (mas com as obras que Vossa Excelência hoje inaugura, Jacobina pode ser comparada com as grandes cidades do Estado), salientando que em dois anos Jacobina está tendo o que não teve durante quatro anos.

Falando na solenidade, o presidente do Baneb, Clériston Andrade afirmou que diante da multidão que estava vendo não há dúvida de que Vossa Excelência está verdadeiramente no coração dos baianos.

As ordens de serviço foram assinadas pelo governador logo depois. A primeira para o término da construção da estação rodoviária de Jacobina. Esta obra será realizada em regime de urgência pela Secretaria dos Transportes e Comunicações, através do Derba. A outra ordem de serviço é para a construção da rede de distribuição de energia elétrica para o distrito de São José do Jacuípe, que será realizada pela Cober, da Secretaria das Minas e Energia. A outra ordem de serviço diz respeito à construção da rede de distribuição de energia elétrica para o distrito de Varzea Nova, a ser efetuada pela Coelba. A quarta ordem de serviço refere-se ao melhoramento e pavimentação asfáltica de 27km do trecho Laje do Batata a Ouro Branco, que ficará a cargo da Secretaria dos Transportes, através do Derba.

Após a assinatura das ordens de serviço, o governador Antônio Carlos Magalhães iniciou o seu discurso ressaltando que não sabia retribuir tanto afeto, tanta festa e tanta emoção que a multidão comprimida estava-lhe prestando. Disse também que estava em Jacobina para inaugurar uma série de obras: "A Cesta do Povo, para vender alimentos mais baratos à população, e o hotel que Jacobina tanto precisava e que é um dos melhores que a Bahia tem no interior".

Figura14 - Artigo do jornal Tribuna da Bahia
Fonte – Jornal Tribuna da Bahia – Salvador Ba